

MEU MESTRE É MEU MUNDO

para jovens e adultos de todas as idades

JERÔNIMO MENDES

MARÇO/2000

MEU MESTRE É MEU MUNDO

para jovens e adultos de todas as idades

JERÔNIMO MENDES

AGRADECIMENTOS

À minha esposa SANDRA e aos meus filhos RÔMULO AUGUSTO e GUILHERME, pela paciência que demonstram quando dedico mais tempo à literatura do que a eles.

Aos jovens e crianças do Brasil, pela confiança que lhes deposito ao acreditar que nem tudo está perdido, se assim desejarem.

Aos meus pais, professores e à minha cidade, pelos bons tempos de infância e adolescência, inesquecíveis.

ÍNDICE

DECLARAÇÃO PESSOAL DO AUTOR	5
O ANJO NEGRO	7
A PRIMAVERA	35
A PORTA ABERTA	42
PRETO DE ALMA BRANCA	48
BOA NOITE, SENHOR	55
O PAI PRÓDIGO	60
ENTRE A CRUZ E A ESPADA	66
O MELHOR PRESENTE	74
AMIGAS PARA SEMPRE	77
FAMÍLIA TRAPO	83
O FIM DO PRÓXIMO NATAL	102

DECLARAÇÃO PESSOAL DO AUTOR

Antes de o leitor iniciar a viagem pelo livro, deixe-me aqui registrar uma pequena história. Quando eu era pequeno, vivia pela casa a procurar algo para ler e assim mostrar aos meus pais e professores o interesse pela leitura e também o quanto poderia fazê-lo de maneira rápida e fluente. Nada escapava aos meus constantes ataques : livros, jornais, revistas e até mesmo o dicionário e a bíblia.

Aquilo sempre pareceu a forma mais simples de me destacar perante os colegas de escola e diante das visitas em nossa casa. Com o tempo, a despeito de todas as dificuldades que enfrentamos, dentre elas a falta de dinheiro para a compra de livros, fui incorporando valores morais à formação do meu intelecto e somente hoje, trinta anos depois, reconheço que devo meu caráter e aprendizado, principalmente, aos meus pais e aos livros que me ensinaram muito mais coisas do que a própria vida ensinaria.

Longe de mim afirmar que a leitura seja capaz de substituir as palavras de amor e os conselhos rígidos e necessários de um pai ou de uma mãe, mas, certamente, quem se apega a bons livros tem menos dificuldades em sua jornada, aprende mais, sonha, viaja a lugares distantes e encurta o aprendizado de vida, pois se utiliza gratuitamente da sabedoria que alguns levaram anos para obter.

Deixo, amigo leitor, de agora em diante, uma série de contos de ficção, alguns tristes, outros alegres, para que façam sua viagem pela vida e reflitam, pois merecemos todos um mundo melhor e somente a mudança de visão e a retomada dos valores éticos e morais poderão tirar-nos da decadência que vivemos, a começar pelas crianças e jovens.

Se minhas palavras tocarem seu coração e a mente com a mais pura das verdades, estou certo de que desenvolvi um bom trabalho. Meu interesse maior foi acender a chama da reflexão e também a vontade de

contribuir para um futuro melhor, muito além da geração dos filhos dos nossos filhos.

Ouvimos sempre alguém dizer que o mundo é assim desde os tempos mais remotos, que as pessoas fazem previsões obscuras a respeito de um futuro apavorante para a humanidade e ele nunca acontece. A mídia nos assusta um pouco, mas nossa esperança é maior .

E Deus permita continuar assim. Contudo, há necessidade da mudança de pensamento, onde as forças do bem prevalecerão sobre as forças do mal e o futuro nada mais será do que fé e esperança, amor e alegria, equilíbrio, paz de espírito e solidariedade.

Embora o pão seja pouco temos obrigação de multiplicá-lo e, sem dúvida, nossos exemplos serão capazes de alimentar uma multidão incalculável de pessoas que ainda buscam encontrar o verdadeiro sentido da vida.

...

**Nosso é o reino dos céus,
os mares, a lua, o sol,
o espaço e tudo o que nele vemos
e alcançamos e acreditamos,
somos movidos a dor, paixão
e uma vontade incontrolável
de amar e sermos felizes . . .**

O ANJO NEGRO

Samuel , senhor, Samuel Pirulito, pode me chamar assim, da Vila Flora, logo ali, depois da rodovia.

A resposta estava na ponta da língua. Todos desejam saber o nome do negrinho falante, prestativo, de sorriso cativante e sempre disposto a uma boa conversa, principalmente ao pressentir que o resultado poderia ser um bom trocado.

Samuel, órfão de pai e mãe, vivia pela casa dos vizinhos e um ou outro conhecido da Vila. Na maioria das noites dormia pelo centro da cidade em companhia dos amigos de rua , sob a marquise das lojas, em bancos da Praça Central e vez por outra sob os viadutos mais aconchegantes que percorria em suas andanças.

Pirulito, assim tratado no meio da molecagem, sobrevivia por esforço próprio. Sem compromisso, não freqüentava a escola e, apesar da convivência com alguns delinqüentes, raramente se deixava influenciar.

Menino vivo, audaz e inteligente, sabia, por instinto e por testemunho, que a vida nunca se apresentou favorável a meninos de cor, sem lar ou família, de rua.

Durante tempos tentou descobrir algo sobre os pais. Abandonado ainda bebê, rolou alguns anos pelas casas de conhecidos e orfanatos mantidos pelo governo, onde não havia registro de pai ou mãe, parentes mais próximos ou distantes.

Samuel, adepto da vida ao ar livre e descompromissada, volta e meia aparecia pelo orfanato para visitar Dona Marília, coordenadora da instituição, por quem tinha admiração especial e profunda gratidão, nunca tendo esquecido os bons conselhos e o carinho dispensados por ela durante o tempo em que por lá viveu.

Enérgica quando necessário, Dona Marília sabia relevar as atitudes de Samuel e procurava, através de longas conversas, abrir a cabeça do moleque para o mundo.

Samuel, meu filho, você é um bom menino, esperto, seja sempre honesto e procure se ocupar de alguma coisa, aconselhava-o.

Eu sei, tenho engraxado muito sapato por aí, distribuo folhetos de propaganda, entrego encomendas, mas nem todo dia consigo ganhar alguma coisa, sussurrava baixinho, com ar de menino sofrido.

Você precisa estudar, Samuel, prossegue a mestra, ou vai querer ser chamado de Pirulito a vida toda ? Estudar como, rebate o moleque, sem casa, pai ou mãe, roupas decentes, sapatos, material escolar ? Olhe para os meus pés, minha sola pode entortar um prego. A senhora acredita que eu tenha coragem de entrar numa escola ?

Dona Marília era consciente da difícil parada. Menino de rua, cobra criada, espertíssimo e de raciocínio rápido, tinha pensamento próprio, graças a ela que utilizava um jeito todo especial para inculcar-lhe boas idéias e ensinamentos.

Aos nove anos, idade que imaginava ter, Pirulito abandonou de vez o orfanato para viver na rua em companhia dos colegas mais ou menos da sua idade, alguns bem mais velhos. Era visto entre uma e outra esquina, jogando conversa fora e oferecendo seus préstimos aos comerciantes.

Produto do meio, conhecia todo o esquema de exploração dos meninos de rua existente na área central da cidade, quem controlava quem, as áreas de cada mandante e o valor da comissão paga aos que mais arrecadavam. Corria deles como o diabo da cruz. Detestava pedir esmolas a quem quer que fosse, ainda mais se tratando de dinheiro desonesto.

Por tal motivo, Pirulito era muito disposto a trabalhar. Gostava de vender doces, entregar lanches, panfletos nas esquinas e engraxar sapatos, o que lhe permitia arrancar boas gorjetas dos comerciantes e políticos que adoravam o seu jeito de sabe-tudo e bem informado. Um simples bom-dia ou aceno com a cabeça era suficiente para Samuel iniciar a conversa.

Pois é, senhor, quanta violência no futebol. O senhor viu a confusão de ontem na TV ? Parecia um bando de animais brigando, quanta estupidez, não é mesmo ?

O cliente deixava o jornal de lado e não hesitava em prosseguir o bate-papo : Muito bem, me diga, de onde você é, menino ?

Eu moro por aí, senhor, não tenho família. Minha casa é a rua, mas tenho muitos amigos e clientes. Gosto de trabalhar o dia todo, o que ganho não dá para muita coisa. Sou feliz assim mesmo, poderia ser melhor, quem sabe com o tempo eu chego lá, sustenta com euforia.

Você estuda, moleque, arrisca o sujeito, em que ano está ? Noventa e oito, senhor, quer dizer, desculpa, não tô na escola, não, aprendi a ler e escrever no orfanato. Tenho vontade de estudar, sinto inveja dos meninos que cruzam a avenida todo dia em direção ao colégio Dom Jerônimo, mas não tem jeito, preciso ganhar a vida, sobreviver, responde sem voltar o rosto para o cliente.

O cliente lhe dá corda : Sabe ler direito, garoto ? Sei, sim senhor, aprendi com Dona Marília no orfanato. Eu até li um livro muito interessante, O Pequeno Príncipe, conhece ? É a estória de um menino de cabelinho enrolado e muito esperto que vivia pulando de planeta em planeta, conhecia pessoas diferentes, conversava com as flores e pessoas no universo até que chegou na Terra e passou a enfrentar muitos perigos. É meu livro preferido, senhor, se bem que não li outro, a não ser a bíblia, é claro.

Eu queria ser como o Pequeno Príncipe, prossegue empolgado, cheio de mistério, podendo pular de planeta em planeta, livre, conversar com as pessoas sem compromisso com o tempo. Este livro faz a gente pensar, senhor, é alegre e triste ao mesmo tempo.

Por quê você não estuda de manhã e trabalha durante a tarde ? Pode ganhar dinheiro e aprender mais, replica o cliente. Bem que eu gostaria, primeiro quero arranjar um pai e uma mãe de verdade, depois um lar, e então poderei assumir um compromisso tão importante como a escola, retruca sem pestanejar.

Gostei de você, menino, espero que tenha sorte com tuas idéias e vê se volta para a escola, interrompe o cliente, voltando à leitura do jornal.

Samuel absorveu as palavras em silêncio e terminou por executar uma verdadeira obra de arte no sapato do sujeito, fez o lustro com maestria e arriscou uma batucada para descontrair, sem quebrar o ritmo e a qualidade, marca registrada do seu trabalho.

Disperso em alguns momentos, Samuel desvia seguidos olhares para os lados e testemunha vários colegas esmolando, outros brincando despreocupados e outros à espera da próxima vítima para lhe roubar a carteira. Faz uma avaliação de si mesmo e repele a idéia de tomar o exemplo deles . Seu negócio é outro, quer paz consigo mesmo, quer ajudar o mundo, ser diferente e ganhar a vida, nada mais.

Terminado o sapato, serviço de primeira, digno de um pagamento justo, o cliente retira do bolso, sem remorso, uma nota de bom valor e despeja na mão de Samuel, afaga-lhe a cabeça e despede-se : Ótimo trabalho, filho, continue assim e que Deus te ilumine. Deus que ajude, senhor , agradece.

Samuel é pura felicidade, sente a vida generosa e crê que nem todas as pessoas são um poço de maldade e discriminação. A disposição para o trabalho e a vontade de contribuir estavam enraizadas em sua mente pequenina, não obstante o fato de ser uma simples criança.

Pirulito levanta, põe a caixa nas costas e segue cantarolando rumo ao próximo cliente, cheio de razão : Vai graxa, Senhor ? Não ! Vai graxa, moço ? Não ! Vai graxa ? Não ! Samuel era persistente demais e sabia que o *não* poderia vir disfarçado de *sim*.

Vai graxa, moço, é rapidinho, tenho graxa azul, ajuda aí, vai . . . Está bem, moleque, apura que eu não tenho muito tempo.

Mais que depressa ajeitava a caixa e partia para o ataque, 2 aqui, 5 ali, de grão em grão vinha o caldo e o feijão.

Que beleza, hein, moço, a inflação está caindo, dizem que até o fim do ano vai estar próxima de zero, arrisca Picolé. E o que você entende

disso, menino, engraxa o sapato que você ganha mais, retruca o cliente, não muito disposto a conversa.

O senhor não acha que as pessoas deveriam se amar mais ? O mundo tá muito violento, cada um querendo tirar a pele do outro, tenta ganhar o sujeito. Era só o que me faltava hoje, um negrinho metido a filósofo, ironiza.

Samuel enrubesceu e não arriscou outra palavra. Contudo, a violência do golpe não deixou que o sentimento de inferioridade o atingisse. Sua vontade maior era mandá-lo às favas, mas conteve-se, afinal, era um cliente. Como tem gente besta, mal-educada, pensou. Faz parte da vida, lembrou dos conselhos de Dona Marília. Dá-lhe a outra face, dizia Jesus.

Com toda aquela agressividade Pirulito foi capaz de executar um trabalho ainda melhor nos sapatos do indivíduo, digno de nota.

Penalizado, o cliente olhou para os pés descalços de Samuel, a calça remendada, camisa sem botões e com expressão de desdém retirou o valor exato do serviço, conforme anunciado na caixa : SAPATO : 2 BOTA : 5.

Nenhum trocado além do anúncio. Valeu a experiência e o trabalho bem feito que, a cada instante, alimentavam-no de informações para moldar a personalidade e o modo de vida.

O que fiz, Deus, para merecer isto ? Eu trabalho, rezo, ajudo todo mundo, não roubo nem mato, faça-me o favor . . . E partiu para uma nova investida, o importante era o dinheirinho surgindo a cada momento.

Em condições semelhantes, muitos meninos viam-no com maus olhos. Comentavam o seu ar de grandeza e atrevimento quando deparavam com Samuel às gargalhadas em conversas animadas no meio da rua, entre jovens, velhos e adultos. Não perdia tempo em abrir o sorriso ao primeiro que lhe desse trela e nunca dispersou a chance de se mostrar simpático, inclusive, aos companheiros de rua.

Samuel era bastante conhecido na redondeza, do gari ao dono do Hotel Expert, um dos mais imponentes da cidade. Do porteiro em diante todos conheciam sua índole e confiavam nele para pequenas tarefas de responsabilidade. A qualquer hora do dia tinha acesso garantido a diferentes

locais do comércio central para prestar algum serviço, desfrutar de uma refeição ou, quem sabe, jogar conversa fora. Contudo, não estava livre da discriminação. Inúmeros foram os episódios em que se viu metido numa enrascada daquelas, acabando em maus lençóis, por conta da inveja e repulsa infame de seus desafetos.

Num dia qualquer Samuel perambulou o tempo todo com sua caixa de engraxate. O ar estava úmido e o vento gelado foi incapaz de atrair um único cliente que pudesse proporcionar uma gota de alegria ao rosto do menino. Nem graxa, nem gorjeta, apenas o repetitivo **não** soou como gongo ao ouvido de Pirulito que atravessou horas a fio de estômago vazio.

Entregue ao desânimo, sentiu-se tolhido de recorrer àqueles que, por compaixão, dar-lhe-iam um lanche ou prato de comida. Choramingou vendo o dia passar sem poder trocar qualquer palavra com alguém mais importante que ele. Nada seria pior que a ausência de um bom companheiro de prosa para encurtar o tempo.

A vida nunca brindou-o com facilidades. Tinha seus conhecidos e amigos, poucos. Acreditava que eram muitos e nem todos demonstravam afeto e compreensão. Tinha inimigos também, da mesma cor e idade, maldosos, cobertos de intenções duvidosas, que faziam de tudo para prejudicá-lo. Preto metido, vê se te enxerga, cansou de ouvir pelos becos.

Visado ao extremo, bandos perseguiram-no com o intuito de arrancar-lhe o dinheiro do bolso, pois era certo que carregasse algum, fruto do invejável trabalho que desenvolvia cativando as pessoas e demonstrando gosto pela humilde profissão. Cansou de ser salvo por seguranças de lojas e policiais que admiravam sua força de vontade e caráter, preocupado apenas em sobreviver e colaborar de alguma forma, conduzindo com dignidade o seu ganha-pão.

Com toda proteção que lhe dispensavam, ainda terminava por apanhar de moleques mais velhos que abusavam de sua fragilidade e tomavam, à força, os únicos trocados reunidos ao longo de um dia de luta. Porém, a sabedoria imperava sobre ele, a ponto de refazer as idéias para não

guardar mágoas e levantar a cabeça, acreditando na premissa de que dias melhores viriam e o vento sopraria a seu favor.

Quando muito, ao invés de tentar reagir e crendo que a reação seria inútil, Samuel deitava sobre o banco da praça central, ao lado do chafariz, e punha-se a chorar a si mesmo, baixinho. Em companhia das lágrimas, parecia confessar aos céus e pedir que Deus o abençoasse.

Dezenas de transeuntes desfilavam pela calçada, desconfiados, olhando com desdém a um possível delinqüente, sem atentar para o fato de que, sob a pele daquele ser aflito e descuidado, abrigava-se uma dose de sabedoria e uma ponta de esperança para um mundo melhor.

Ao redor, alguns indiferentes, outros descrentes. O ambiente é pura fonte de desprezo à qual se submete a criatura humana. A paisagem, mais interessante aos olhos do povo, parece demonstrar-lhe maior afeto.

Enquanto isso, prossegue o desfile de filhinhos-de-papai a caminho do colégio, em gargalhadas hilariantes, tênis de marca, walk-man e mesada no bolso, pouco importando-se com a triste situação de Pirulito, tão inteligente quanto a maioria de seus observadores.

Há de se afirmar que a vida não era de toda ruim para ele. Uma vez ou outra havia alguém sempre disposto a tomar suas dores e aproximar-se, compadecido, pronto para ajudá-lo. Pouco mais era preciso.

Ei, menino, você está bem ? pergunta uma senhora de meia-idade, toda arrumada e com sentimento de comiseração, ao vê-lo chorando debruçado sobre o banco.

Samuel nem responde, está deprimido, longe do mundo e chateado com a rotina. Para ele, Deus dá asas a quem não sabe voar, uns no topo e outros no fundo. Infelizmente a pouca experiência de vida ainda não havia lhe dado chances de esclarecer este paradoxo.

O que mais eu preciso fazer, meu Jesus Cristinho, para levar uma vida digna ? questiona-se em pensamentos. A mente procurava, em poucos anos de arquivo, uma resposta adequada, mas a revolta apoderava-se dele e os pensamentos rebeldes confundiam-lhe a idéia .

Contra sua vontade, Samuel abriu os olhos e fitou aquela senhora de expressão angelical que lhe pareceu uma santa disfarçada, agarrou-a pela mão num golpe pouco sutil, assustando-a e fazendo-a retroceder, acuada pelo medo de que o moleque tentasse roubá-la ou algo parecido.

Não, madame, não ! Por favor . . . A mulher saiu em disparada sem olhar para trás, embrenhando-se na multidão e abandonando-o repleto de dúvidas.

Samuel volta para o banco e derrama-se em lágrimas, disposto a não levantar. Na calçada, fortes e largas passadas promovem verdadeira sinfonia regida por um único maestro a comandar a orquestra ao som do descaso e da indiferença. Eis a sociedade, cruel, amarga, fazendo outra vítima qual predador impiedoso à procura da presa fácil, independente da cor, sexo, idade e tamanho.

Embalado pela triste canção, Pirulito desmaia sobre a madeira pálida e rígida sem hora nem dia para acordar. Sua equivocada avaliação da vida e do mundo aconselha-o a relaxar, mesmo num banco desconfortável e frio. O amanhã seria outro dia e nada como um dia atrás do outro, jamais deixou de pensar.

O menino pobre da Vila Flora discute consigo mesmo durante o sono. Indiferente ao movimento na rua, sonha com uma vida melhor, sorri diversas vezes e pequenas contrações nos músculos da face denunciam o seu estado de depressão.

A noite avança rapidamente e Samuel entrega-se ao sono interminável, sob a temperatura fria e inibidora dos movimentos, vigiado apenas pelas palmeiras enormes, espalhadas ao redor da praça. Num frio daqueles, nem os guardas arriscavam fazer a ronda e se recolhiam em suas cabinas seguras e confortáveis.

Aos poucos, o tráfego humano se vai reduzindo e os pássaros, recolhidos, não piam. Viam-se apenas os motoristas de táxi desmaiados no interior dos veículos e poucas silhuetas desfilando pelo local.

Acostumados ao cenário, cidadãos despreocupados assistem, passivos, ao drama de Pirulito, que parece dormir feito um anjinho inocente e distante da realidade. Aos olhos do mundo, Samuel não passa de mais um menino de rua, um desocupado retomando forças para o ataque da manhã seguinte, um grão de areia sem finalidade no cosmos.

. . . acorda, Samuel, o café está na mesa. Rápido, o motorista está esperando para levá-lo à escola. Hoje tem natação e aula de piano, vamos menino . . . Pirulito sonha com o paraíso, um lar confortável e a mesa farta. Em sonhos vai modelando o futuro, acreditando na possibilidade de um dia reverter a situação e dar a volta por cima. Os sonhos se alternam, ora felicidade, ora miséria, ora risos, ora sobressaltos.

A noite passa como um relâmpago e a manhã se abre com o sol clareando o rosto de Samuel. Dolorido, demora a retomar os movimentos do corpo, inibidos pelo encolhimento fugidio da brisa fria da madrugada.

Refeito e pensativo, pronuncia silenciosamente algumas palavras, de cabeça baixa e mão na testa, cujo teor enigmático era confiado a ele somente. A oração matinal indispensável dá-lhe novo alento e o sorriso reaparece nos lábios, em sintonia fina com a bondade divina.

No orfanato soube dar valor à oração e fez dela um instrumento inseparável de fé e confiança nos céus. Em sua humilde concepção de vida, lembra das palavras de Cristo : A fé remove montanhas, pedi e recebereis, buscai e achareis.

Todo dia pela manhã Pirulito chegava animado na Panificadora do Pedro Paulo, um português ardido e implicante que vivia a reclamar de tudo e de todos. Era Samuel quem fazia as entregas de pão em pequenas quantidades nos bares, lanchonetes mais próximas e alguns restaurantes de hotéis de luxo.

Compadecido, o padeiro sisudo cedia o banheiro da panificadora para Samuel ajeitar o cabelo e lavar as mãos antes de tomar um bom café com pão quentinho, separado especialmente para o moleque. Às escondidas do português, é natural, pois, certamente, se descoberto, viria a bronca capaz

de destruir a felicidade do menino, o qual devorava o alimento como se fosse a única refeição do dia.

Infelizmente, não era toda manhã que a solidariedade do padeiro obtinha êxito. Vez por outra Pedro Paulo chegava de surpresa no interior da panificadora, pronto para repreendê-lo, e ao menino também, promovendo verdadeiro escândalo perante a clientela e outros empregados : O que estás a fazer que ainda não correste daqui com estes pães ? Vai, some, estás atrasado, moleque, vai . . .

Pedro Paulo detestava moleques de rua e obrigava-se a suportar Samuel explorando seus préstimos a baixo custo, remunerados por um simples pedaço de pão ou de bolo. Pirulito ignorava o fato. O importante era a garantia de um bom café, por mais pobre que fosse, ele e a refeição. Válido mesmo era iniciar o dia com o estômago forrado, sem qualquer preocupação com a refeição seguinte.

Durante muito tempo Pirulito pôde presenciar a fabricação de pães e outras guloseimas sob condições mínimas de higiene e jamais ousou comentar o ambiente da panificadora com os clientes. Moscas e baratas trafegavam livremente pelo local fazendo companhia aos empregados que se mostravam indiferentes ao movimento das criaturas.

Na primeira vez em que tentou sugerir a Pedro Paulo a maneira de como poderia acabar com os insetos e arrumar melhor o interior do estabelecimento, levou um bofetão do português e perdeu a simpatia do padeiro, que viu seu emprego colocado em jogo, apesar da má fama do local perante a freguesia .

Cala a boca, negrinho, isto não é da sua conta. Se falar alguma coisa para alguém chamamos a polícia e você está frito, diremos que roubou algo por aqui, proferiu-lhe o padeiro. E você sabe, preto e de rua nunca tem razão. Esquenta não, seu Jânio, não vou falar nada, despejou baixinho e trêmulo, arrependido de ter aberto a boca.

Samuel nunca mais pisou lá, não pelas condições péssimas de higiene que presenciou, pois conhecia lugares piores, e sim pelo medo

absurdo de cair nas mãos da polícia. Afinal, imaginou : que chances teria de provar sua inocência diante de dois brancos suspeitos e vingativos, acostumados a encher os guardas de propinas ?

Mesmo conhecendo os policiais da área, Samuel temia qualquer aproximação sabendo que o corretivo aplicado era terrível e marcante, embora provasse inocência. Pensou nos colegas que foram levados pela polícia ao orfanato mais próximo e nunca chegaram lá. Sabe Deus o que aconteceu com eles .

Terminado o incidente, Samuel arriscou passar uns dias na favela onde o ambiente desfavorável e inseguro metia medo até nos marginais. Nunca foi apanhado cometendo qualquer delito que pudesse levantar a ira dos bandidos que dominavam a vila e, portanto, tratava-se de outro maltrapilho figurando estatisticamente pelo local.

Na Vila Flora era sempre tratado por Pirulito, o sabichão metido a filósofo, o pé-rapado da sabedoria. Tinha poucos amigos, incluindo uma família que lhe oferecia um espaço no barraco com teto de chapas de amianto fixadas com arame, onde poderia gozar de uma boa noite de sono sobre a cama feita de papelão. Fato de menor importância para alguém acostumado a dormir em bancos de praças e sobre pisos de mármore, no centro da cidade.

Era acolhido no barraco de Juvenal e Juliana, catadores de lixo reciclável, que acompanharam sua vida desde que apareceu na favela. Samuel não foi criado por eles, uma pena, mas lhes tinha o maior respeito e consideração, pelo fato de ser tratado como verdadeiro filho do casal.

Num simples cubículo tomava seu banho, calçava o chinelo, poderia estender uma boa conversa e tinha cama para descansar, após um bom dia de trabalho.

Pirulito atravessava horas manipulando pensamentos. Orava sem abrir a boca, meditava, pensava nos pais que nunca conheceu e no futuro que somente a Deus pertencia. Enquanto o sono não vinha, inventava versos para se distrair e buscava a paz com simples palavras de animosidade : O meu nome é Samuel / Pirulito quem quiser, / quero ver Papai do Céu /

aumentar a minha fé / Jesus está sempre comigo / e não vai me abandonar / Sei que Ele é um amigo / no qual posso confiar .

E assim Samuel permanecia recitando versos noite adentro, de improviso, até quando as pálpebras, derrotadas pelo cansaço, tornavam-se pesadas e cediam ao apelo natural do sono.

O desconforto da cama de papelão não tirava a tranqüilidade do menino que dormia muito bem no barraco e diversas noites aproveitava para fazer um balanço da vida e aconselhar os amigos. Utilizava recursos sofisticados para vender suas idéias e articulava palavras com a facilidade de um orador, sem se deixar interromper.

Juvenal e Juliana eram os conhecidos de sua preferência, embora fosse querido por outros da Vila, que gostariam de tê-lo como filho. Recebiam-no sempre com um quebra-costelas. A noite tornava-se muito mais agradável com sua presença em qualquer barraco da favela.

Samuel adorava discorrer histórias presenciadas no centro da cidade, de políticos que conversavam com ele, do português da panificadora, dos amigos de rua e dos hotéis que tivera o prazer de conhecer, mesmo entrando pela porta dos fundos. Verdadeiro contador de histórias e estórias, costumava enfeitar a cena e provocar a curiosidade dos ouvintes, modificando o tom de voz e deixando o espectador boquiaberto.

Os filhos do casal, admiradores de Samuel, pregavam o olho atentamente para ouvir o que tinha para contar, todo dia uma novidade, por menos interessante que lhes parecesse.

Ao perceber a atenção da platéia, iniciava o longo e minucioso relatório : Certo dia fui entregar pão na casa de uma madame lá do centro. Vocês não vão acreditar, o apartamento tinha umas cinco salas diferentes, uns dez quartos e uns oito banheiros. Se ela não tivesse me acompanhado pela casa não teria conseguido sair do apê. Hollywood é pouco se comparado.

É mesmo ? Conta mais , apimentou Juvenal.

Seu Juvenal, o senhor nem queira saber, a mulher me fez sentir um rei, me chamou de fofinho e me botou para ouvir CD e jogar computador, foi demais. O quarto dos filhos, sem mentira nenhuma, dá uns dez barracos que nem esse, brinquedos por todo lado e livros para se ler a vida toda. E mais ainda, no final ela me fez sentar para comer um enorme pedaço de bolo. Nem sei como pude engolir tudo aquilo. Nem me fale, interferiu Juliana.

Se a senhora visse a cozinha da madame não ia querer sair mais de lá. Um verdadeiro luxo e eu ali, como se pertencesse à família, um escurinho fora do ninho. O pior de tudo é que durou pouco tempo e quando terminei de comer o bolo a madame não pensou duas vezes : Pode ir agora, menino, já viu o bastante . . . aquilo desceu engasgado e eu me senti chutado do local, são todos iguais.

Refeito da emoção, prosseguiu : Nossa presença agrada até certo ponto, somos vistos no degrau inferior, Dona Juliana, e não há espaço para a generosidade sincera no coração da riqueza. Já dizia o Mestre : é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que o rico ir para o céu. É verdade, concorda a mulher.

Que nada, animou Juvenal, você poderá ser um dia muito rico, Pirulito, basta acreditar, crer, lutar . . . Acreditar somente não basta, é preciso suportar a humilhação, isto sim, rebate Samuel.

Juliana e Juvenal entreolharam-se relutando para acreditar que palavras tão verdadeiras e tocantes pudessem sair da boca de um menino que mal sabia ler e escrever.

E o senhor, Seu Juvenal, não acreditou, não lutou ? O senhor trabalha o dia todo e quanto mais trabalha menos tem, será que é sina de pobre?

Filho, explicando pacientemente, entendo o que você diz, mas a vida nem sempre é aquilo que sonhamos ou imaginamos. Tudo é questão de consciência, de aceitação, somos felizes à nossa maneira, temos o nosso barraco, nosso espaço, não passamos fome, há quem goste da gente, a

começar por você, isto é o que importa. Você tem idéia de quantas pessoas possuem dinheiro à vontade e não são felizes ?

É, mas dinheiro ajuda e pode trazer um mínimo de felicidade. Quem não gostaria de ter um pouco mais, hein ? Replicou Pirulito.

Sonhe, filho, é bom sonhar, voar longe, você é novo ainda, tem muito pela frente, aconselha carinhosamente Juvenal.

Boa noite ! Boa noite !

Samuel dava início à sua reflexão profunda e consciente. Seus pensamentos eram os de um rei, mesmo parecendo um maltrapilho. As possibilidades estavam sempre com ele, à espera de uma oportunidade.

Após duas semanas de favor na favela, Pirulito ganhou asas novamente, saiu de casa e partiu para o centro da cidade, disposto a levantar algum dinheiro. Sentia-se devedor com a acolhida do casal.

Outros meninos da sua idade teriam a consciência voltada para outras coisas, menos gratidão e reciprocidade por um gesto de amor e consideração, definidos de maneira exemplar por Juvenal e Juliana, com toda humildade.

Ao chegar na praça, dezenas de conhecidos, entre comerciantes, funcionários de hotéis e lojas, corriam ao encontro dele, enchiam-no de perguntas, indagações e pedidos, demonstrando certa preocupação pelo sumiço alongado.

Por onde andou menino ? O que houve ? Viajou para longe ? Uma saraivada de perguntas levantam o astral de Pirulito, consciente de sua importância para as pessoas.

Muitos chegavam a dar-lhe conselhos ríspidos pela ausência inusitada, com ares de insatisfação. Na verdade, sentiam falta do grande quebra-galho a custo barato que deixaram de explorar durante um período considerável. Isto não era confessado, estava escrito na testa de cada um.

Meninos de rua haviam aos montes pela cidade, é óbvio, mas não com a responsabilidade de Samuel. Querido pela maioria, era disputado a

tapas pelos comerciantes da área, pois gozava de ótima reputação e trânsito livre no comércio.

Numa tarde de domingo, Pirulito passeava pela calçada quando sentiu o cheiro de fumaça próximo à panificadora do Pedro Paulo, o português ranzinza, o mesmo que ameaçou-o quando sugeriu-lhe a mudança no interior da loja.

Premiado com a descoberta, notou que o odor aumentava à medida que aproximava-se da panificadora e foi logo deduzindo : É fogo, tenho certeza ! Bem que eu poderia ficar quieto e não avisar ninguém, a rua está vazia, isso vai queimar como capim seco e aquele portuga vai ficar sem nada, para aprender a não humilhar as pessoas e não brincar com a saúde dos outros.

Olhou para os lados, disfarçou e permaneceu por perto sem tomar iniciativa alguma. Em poucos segundos, o coração foi apertando, o batimento cardíaco acelerou e a consciência botou-lhe contra a parede, encurralando-o de tal forma que não havia tempo de discernir entre o certo e o errado.

O que você tá esperando, rapaz ? Diz a voz interior : Corre menino, vai buscar ajuda, chamar alguém, não seja vingativo. Assim nunca terá o respeito e consideração de ninguém, vai menino, corre ...

Samuel não hesitou. Rápido como um coelho, disparou em direção ao módulo policial próximo à praça e chegou com a língua de fora, quando foi logo questionado pelo guarda de plantão : Tá correndo de quem, roubou alguma coisa, moleque? A panificadora tá pegando fogo, devolve ofegante.

O policial custou a acreditar em Samuel e demorou a ligar para o Corpo de Bombeiros, mas o fez. O menino não deveria estar brincando com algo tão sério, imaginou.

Dito e feito. Em questão de minutos, uma chuva de carros-pipa cercou o local. A porta arrombada pelos soldados e o motor do balcão de frios, causa provável do incêndio, foram os únicos prejuízos do português.

Naturalmente, ratos e baratas estavam longe e não dariam margens à suspeita dos curiosos que, porventura, se aproximaram. Uma pena, o dono estaria em maus lençóis, seria o fim.

Com a chegada do português a situação já estava normalizada e o incêndio havia sido controlado, tendo ele coberto de louros os oficiais do Corpo de Bombeiros pela ação rápida no estabelecimento.

Num canto da calçada, a observar apenas, Samuel não esperava elogios, honras ou glórias. Conhecia o gênio do português e manteve-se na sua, distante, com a sensação de alívio por ter tomado a decisão correta, inspirada na consciência de fazer o bem.

Decorridos alguns minutos, Pedro Paulo teve a sutileza de perguntar aos policiais de plantão como souberam do ocorrido, visto que, num domingo calmo como aquele, poucas pessoas circulavam pela área. Além do mais, era necessário alguém estar muito ligado para identificar o incêndio e reconhecer o perigo.

Aquele negrinho ali correu até o módulo e avisou a gente, pensamos que fosse alguma brincadeira, confirma o policial com determinada arrogância, apontando para Samuel.

Aos direcionar os olhos para Pirulito, Pedro Paulo sentiu um nó na garganta e dor na alma. Lembrou do dia em que tratou-o com a frieza de um morto, ameaçando-o sem dó nem piedade, em virtude do seu atrevimento na panificadora. Ficou sem ação por um momento, retomou a coragem e aproximou-se de Samuel com cara de quem havia cometido tremenda injustiça, a tempo de se redimir.

Samuel baixou a cabeça e fez de conta que não era com ele quando foi interpelado delicadamente pelo português : Obrigado, não fui justo contigo naquele dia e acabaste salvando minha loja. Foi nada, não, devolveu Pirulito, fiz o que mandou minha consciência. Eu também tenho caráter e gosto de ajudar os outros. Hoje eu faço pelo senhor e amanhã o senhor faz o mesmo por mim . . .

Pedro Paulo pasmou. O remorso negou-lhe o vocabulário apropriado para prosseguir a conversa, devido ao espanto que a resposta causou à sua pobre inteligência. Envergonhado, virou as costas e retornou à panificadora a fim de verificar melhor os estragos, remoendo as idéias.

Samuel, orgulhoso, pensou consigo mesmo : Ganhei o dia hoje, graças ao bom Deus e à Dona Marília que ensinou-me a ser justo. Não posso nunca deixar de agradecer a ela, mesmo de longe. Como é bom dizer a verdade, o mundo dá muitas voltas.

Consciente e satisfeito pelo mérito, Pirulito retirou-se do local, discreto, e voltou a perambular pelas calçadas, mão no bolso, pensativo, ainda tentando avaliar se a atitude tomada teria servido para alguma coisa, considerando o fato de nenhum benefício material ter sido lhe ofertado em recompensa.

Passado a euforia do sucesso temporário, Samuel ganhou a realidade e viu-se na mesmice de um menino de rua, apenas mais um na multidão, cujo feito teria tomado outra dimensão, talvez, caso tivesse sido anunciado por alguém mais importante, de cor branca.

Cabisbaixo, seus pensamentos alternavam entre glória e miséria, questionando toda uma existência. Seus olhos brilhavam de alegria e tristeza ao mesmo tempo. O caminhar pacífico pela rua causava a nítida impressão de que ninguém se importava com ele. No fundo de sua alma, acreditava no reconhecimento da justiça divina.

Ao anoitecer, Samuel apareceu no Hotel Expert e o porteiro simpaticíssimo abriu-lhe um sorriso acolhedor e de imediato notou a tristeza em seus olhos, colocando-se à disposição para ouvir os lamentos, penalizado por tamanho sofrimento : E então, Pirulito, ficou famoso, hein ? Tá todo mundo falando de você na rua, você é um herói, rapaz, salvou a loja do português.

Tímido, permaneceu quieto e conteve o sorriso. No âmago, amofinado, sua vontade era a de explodir de alegria pelo reconhecimento do fato, mesmo vindo de um simples e humilde porteiro de hotel.

Que nada, Cirineu, ninguém dá bola pra isso, não fiz mais que minha obrigação de ajudar. Modéstia sua, rebate o porteiro, pensa que eu não sei que o português expulsou você de lá há algum tempo atrás ? Você poderia ter deixado o fogo correr solto e não avisar ninguém e aí, coitado ...

Sei muito bem, prosseguiu Pirulito, mas nada ganharia com isso, afinal, o Pedro Paulo tem lá seus defeitos, é ser humano, sujeito a falhas. Eu trabalhei com ele, sei que há empregados que dependem muito daquele emprego, pais de família e tudo mais. Se eu prejudicasse o dono estaria prejudicando toda aquela gente que tira de lá o pão de cada dia.

O porteiro sentiu um arrepio nas costas, um certo tipo de orgulho, típico de pai para filho, e os olhos lacrimejaram enquanto Samuel levantava a fronte e balbuciava algumas palavras com voz trêmula e receosa : Cirineu, arranja alguma coisa aí para eu comer, não ganhei nada hoje. Posso pagar quando tiver dinheiro, um sanduichinho talvez .

Pirulito mal terminara de falar quando Cirineu rumou para a copa e em poucos segundos retornou com um enorme sanduíche, um pedaço razoável de bolo e um suco de laranja que entregou-lhe com a alma lavada : Toma, Samuel, vai comer, vai, só não fique em frente ao hotel, pois a gerência não gosta. Vai filho, lá para a praça e que Deus te abençoe.

Samuel partiu em disparada com o pacote na mão e o suco transbordando pelo copo. Seu único desejo naquele momento era saciar a fome devorando a succulenta refeição arranjada carinhosamente pelo porteiro.

No banco da praça, ajeitou o copo e foi logo abrindo o pacote onde repousavam dois deliciosos sanduíches, e não apenas um, com presunto à beça, bastante queijo, uma bela porção de batatas fritas e uma deliciosa fatia de bolo de chocolate.

Antes da primeira mordida, Samuel observa dois colegas, não muito chegados, de olho no seu pacote e prontos para atacar ao passo que se viu obrigado a neutralizar o gesto de ambos com inteligência : Tenho dois no pacote, dá pra todo mundo, venham !

De maneira habilidosa, promoveu um gesto de caridade e evitou um mal maior fazendo com que o bom senso prevalecesse outra vez, gesto raro e nobre partindo de um menino de rua acostumado ao descaso e indiferença da sociedade.

Pirulito fechou o dia com chave de ouro. Restava apenas engrandecer-se pelo fato de se diferenciar dos outros e também pela extrema capacidade de avaliação das situações adversas do dia-a-dia.

Quantos meninos da sua idade fariam algo semelhante ? Contar-se-iam nos dedos. Seria um sinal, um aviso, uma força estranha que tomava de assalto aqueles momentos magníficos em que Pirulito se transformava num benfeitor e invertia papéis na ciranda da vida ?

Neste dia preferiu trocar o banco da praça pelo banco da Igreja Matriz e seguiu para lá cantarolando o velho poema, de improviso : O meu nome é Samuel / Pirulito quem quiser / Quero ver Papai do Céu / Aumentar a minha fé. / Jesus está sempre comigo / e não vai me abandonar / Sei que Ele é um amigo / no qual posso confiar .

A igreja sempre foi receptiva e confortante para ele. Ali não havia restrições, normas, imposições ou ainda discriminação que fizesse senti-lo inferior como em outros ambientes. Sua relação com os padres e santos era da maior sinceridade possível.

A afinidade era tanta que Samuel conversava com as imagens como se elas estivessem ali, disponíveis ao natural, prontas para acolhê-lo e dar conselhos dignos de fazê-lo esquecer as agruras da vida na rua : Como vai, São Judas ? Olá, Jesus, aqui estou novamente ! Benção, Virgem Maria.

Samuel desfilava um rosário de cumprimentos, com frases desprovidas de mínimo constrangimento em relação aos demais presentes que julgavam-no meio maluco ao vê-lo falando sozinho, num tom de voz relativamente exagerado para o ambiente.

Diante do altar, lembra : **Vinde a mim as criancinhas porque delas é o reino dos céus.** Em seguida, retoma as próprias palavras : Jesus, perdoa-me os maus pensamentos, minha vida na rua e meu coração cheio de

raiva. Eu não quero ser assim, mas os pensamentos tomam conta de mim e quando percebo já estou pecando.

Sério e compenetrado, Pirulito parece ouvir atento a resposta diante do Cristo crucificado, de braços abertos, suspenso no teto e pronto para despejar-lhe um conselho : Juízo, seja paciente, Eu estou contigo e não vou abandoná-lo, tenha fé em mim e procure fazer o bem.

Senhor Jesus, por quê tamanha injustiça comigo ? Quando vou ter um lar, um abrigo, um pai e uma mãe ? Samuel, Samuel, respondeu a voz, teu pai e tua mãe estão dentro de você, basta ouvi-los e amá-los, ninguém mais do que eles querem o teu bem. O pai do céu está contigo também.

Em silêncio, questionou : O que fiz, meu Deus, para não ter casa nem família e viver pelas ruas sem compromisso com a vida ? Não posso ser feliz de outro jeito ? Pode, Samuel, rebateu a voz, tenha fé, lute, reze, pratique o bem para os teus inimigos, perdoe a quem te faz mal, ande de cabeça erguida, procure ajudar as pessoas, seja honesto e viverá em paz .

A mensagem continuou viva na mente e em poucos minutos Samuel dormiu sobre o banco maciço com a cabeça reclinada para trás, pés encolhidos no assento e envoltos pelos braços, como se estivesse em casa meditando profundamente, à vontade.

Vencido pelo cansaço, entrega-se ao sono, seduzido e protegido por aquela voz serena e macia que aprofunda-lhe o subconsciente, a fim de proporcionar conforto e tranquilidade.

Na manhã seguinte Pirulito é despertado pelo Frei Leopoldo, da Ordem dos Capuchinhos, o qual, muito sutilmente, toca-lhe as costas com a habilidade de quem acaricia um filho, própria de um ser disposto a tratar as pessoas com ternura e simpatia .

Samuel, enrijecido pela frieza do banco de madeira, abre os olhos e logo reconhece o capuchinho de olhar singelo, que outrora lhe fizera o mesmo seguidas vezes, por compaixão e opção de vida.

Acorda, filho, já é manhã, sussurra o frei àquele rosto que lhe parece familiar de início e cujo reconhecimento fica prejudicado pela sua avançada miopia .

Como é bom dormir aqui, não sinto nem o frio que me castiga pelas ruas. Além do mais, o Jesus ali de cima está sempre de olho em mim e vem falar comigo, confia ao padre. É mesmo ? Que bom, filho, rebate o frei com determinado espanto.

O senhor nem pode imaginar, somos íntimos à beça. Ele me dá todas as dicas que preciso para ser um bom menino e o que devo fazer para crescer cheio de fé no mundo. O senhor sabe, padre, sem fé não se vai a lugar algum, dispara Samuel com os olhos transbordando de lágrimas. Aqui estou certo de que sou amado.

Qual a tua idade, menino ? Dez, seu padre, acho que é dez, não sei direito, ninguém sabe. Os moradores mais antigos dizem que minha mãe me deixou por lá pequenino, quase bebê, e eu não tenho documento algum. Hoje eu conto dez, responde envergonhado pelo fato de não saber a própria idade. Você é bastante esperto, anima o padre, vamos para a cozinha tomar um bom café em companhia dos outros .

Samuel pede licença para ir ao banheiro lavar as mãos e enxaguar a boca ressequida e ligeiramente fétida, o que parece um ato extremamente louvável em se tratando de um menino de rua, julga o frei, visto que a grande maioria preocupar-se-ia somente com a comida, independente das demais obrigações.

Higiene em dia, Samuel toma o caminho da cozinha que, à essa altura, está repleta de capuchinhos rechonchudos, de barbas longas e brancas, carregados de muita sabedoria e tranqüilidade, tal era a paz reinante no ambiente.

Ao invés do tradicional bom-dia no recinto, alguns acenos gentis com a cabeça, um piscar de olhos ou um simples sorriso provocam certa dúvida sobre sua presença.

Desconfiado, dirige-se para a mesa e senta ao lado de Frei Leopoldo, onde pede novamente licença e acomoda-se, inibido.

Fique à vontade, Samuel, pronuncia o frei tentando descontraí-lo, a casa de Deus é tua também.

A mesa, servida fartamente para atender ao bom apetite dos padres, contém salames, queijos e bolachas feitas especialmente na igreja, um verdadeiro pecado capital. Não se via nenhum com peso inferior a cem quilos.

Samuel, desacostumado a tamanha fartura, abraça um pedaço de pão caseiro, coloca-o na boca, sem mistura, e mastiga-o com a vontade de quem não vê algo semelhante há um bom tempo.

Seus olhos correm de lado a lado e nitidamente comprovam ser ele o centro das atenções. Apesar do esforço, não consegue desfazer a apreensão em relação aos olhares desconcertantes que lhe eram atirados, terminando por nunca saber se foram de pena ou de reprovação.

Crivado de olhares absortos e penetrantes, Samuel acabou a primeira refeição do dia enfasiado, agradeceu a gentileza de Frei Leopoldo e retirou-se para o salão principal da igreja, disposto a fazer uma última oração antes de ganhar a rua. Imaginou a noite sobre o chão frio da calçada e, graças ao bom Deus, viu-se diferente.

Por fim, ajoelhou-se na primeira fila e penitenciou-se perante o Cristo Crucificado, em razão da gula testemunhada no café, reflexo da sua condição repugnante na sociedade.

Antes mesmo que Frei Leopoldo pudesse dar-lhe um último conselho, Pirulito ganhou o caminho da rua, reanimado para um novo dia de trabalho, sem vínculo nem salário fixo, com a sublime sensação de se fazer útil e feliz, contribuindo para amenizar os males do mundo.

Ao cruzar pela banca de revistas do Seu Horácio Pimenta, é surpreendido pela voz estridente do dono, ao pé-do-ouvido, numa intimação : Ei, Samuel, venha ganhar uns trocados. Tenho um monte de jornais e revistas para você entregar de manhã, que tal ?

Samuel abre um largo sorriso e acena com a cabeça, pronto para iniciar o dia de trabalho com a mesada praticamente garantida. De posse de umas vinte entregas, acelerou o passo bem recomendado pelo velho Horácio, o qual depositava nele inteira confiança para o cumprimento da tarefa.

Atento a tudo e a todos, Pirulito caminhava a passos largos, observando dezenas de colegas deitados sobre o chão duro, cobertos por sobras de caixas de papelão e cobertores empoeirados, desprezados pelos transeuntes, dormindo sob àquele sol capaz de cozinhar a pele dos pobres coitados, embora lhes aquecesse também o corpo e a alma.

A cena não lhe causava menor inveja. Por inúmeras vezes esteve ali, representando o mesmo papel. O fato de não ter passado a última noite ao lado deles era suficiente para repelir a idéia de acompanhá-los .

Em pouco tempo Samuel entrega todas as revistas e jornais aos destinatários e retorna à banca para prestar contas e assim receber o seu merecido dinheirinho, conforme o combinado.

Horácio, satisfeito e orgulhoso, reforça um troco suficiente para poupar-lhe de maiores esforços naquele dia. Samuel agradece-o de maneira habilidosa e gentil. Nada mal para quem trabalhou somente pela manhã, ainda nem terminada. A gratificação poderia tê-lo feito encerrar o trabalho cedo e haveria tempo de sobra para a vadiagem.

Ao contrário, Pirulito voou para a Loja do Dico, onde deixava sua caixa de engraxate, num espaço cedido gratuitamente para ele e, de posse dos apetrechos, voltou para o centro da cidade com o objetivo de cumprir a jornada diária até que o cansaço pudesse derrotá-lo.

Antes do almoço conseguiu ainda três clientes que não pouparam esforços para compensar o seu bom trabalho como engraxate, reforçando o pagamento através de polpudas gorjetas que enchiam seus olhos de alegria .

Ligado aos acontecimentos, observa com freqüência a legião de pedintes à sua volta, caçando esmolas com a maior naturalidade do mundo e com ares de coitadinhos, explorando a generosidade das pessoas e engordando a conta dos agenciadores de crianças, os quais Samuel conhecia

muito bem e tinha medo de denunciar, sob pena de levar uma boa surra ou então sumir do mapa, a exemplo de diversos companheiros nunca mais vistos pelos cantos da cidade. Boca fechada não entra moscas, moleque, nem formiga, dizia bem o ditado .

De um lado para o outro se viam mulheres com filhos no colo, outros na barra da saia, mendigos sadios e fortes que poderiam se tornar bons profissionais, úteis, perambulando sem a menor preocupação com o minuto seguinte.

Cumprida a primeira metade do dia, Samuel procurou a lanchonete do Messias, a mais agitada da Praça Central, famosa por seus bolinhos de bacalhau e pastéis de banana, a fim de forrar o estômago e repor as energias para a tarde que parecia promissora. Nada poderia estragar o seu dia, considerando a manhã maravilhosa que rendeu a ele um bom lucro, fazendo jus à dedicação de quem leva a sério o trabalho, por mais humilde que julgassem os estranhos.

Dois pastéis e dois bolinhos de bacalhau, Messias, por favor, dispara eufórico. Calma, menino, o mundo não foi feito num dia, fica aí na tua e vê se não atrapalha a freguesia, devolve Messias.

Atropelado pela indelicadeza do homem, Samuel desloca-se, constrangido, para a ponta do enorme balcão da lanchonete, apinhado de gente naquele momento : Eu também sou freguês, caramba !

Passados mais de dez minutos, um dos atendentes aproxima-se dele e, longe de qualquer gentileza, atira o prato sobre o balcão, contendo um salgadinho. O restante vêm dentro de um pacote, questionado de imediato pelo menino : Vou comer tudo aqui, não quero levar nada, estou com fome, gritou, tenso, para o balconista. Cala a boca, negrinho, come este um aí e te manda, caso contrário não vai comer nada aqui dentro, retruca o balconista, munido de estupidez.

Disposto a evitar um vexame maior no qual, provavelmente, seria o grande prejudicado, Samuel recua intimidado pelos olhares da freguesia

incomodada com sua presença, alguns indignados com a cena e outros chocados, mesmo ignorando o fato.

Entristecido, mãos trêmulas, retira o dinheiro do bolso, entrega ao balconista e vira as costas dividido entre o choro e a revolta, a dor e a vontade de sumir.

Em questão de minutos a fome desaparece e Pirulito acaba por entregar o lanche ao primeiro que se aproxima, um velho mendigo da praça, o qual arranca-lhe o pacote de forma violenta, indiferente ao estado de tristeza e à gentileza prestada.

Debaixo de humilhações seguidas, Samuel sente o moral reduzir-se ao nível do solo e se vai deprimindo como se o mundo todo estivesse desabando sobre sua cabeça. Logo ele, que esmerava-se em demonstrar interesse pelas pessoas, contribuindo à sua maneira e não se deixando passar por um menino desocupado, à mercê da boa vida.

Respaldado pela ótima convivência e aprendizado no orfanato de Dona Marília, Samuel tenta se recompor lembrando as doces palavras da freira: Paciência, muita paciência, Samuel ! A vida também é feita de dissabores, crueldade e tristezas. Recorda novamente o Mestre e a parábola mais conhecida : **Bem-aventurados os que olvidam as ofensas, não esquadriam o próximo, nem colecionam grãos de rancor, porque encontrarão beneplácito.**

A lembrança devolve-lhe à memória a falta dos pais que nunca conheceu, os dias infelizes em que foi humilhado, como no caso da panificadora, e os dias em que as calçadas e bancos da praça foram sua única salvação e a brisa sua melhor companhia .

Por um instante o pensamento remói apenas os momentos mais difíceis, causando uma forte sensação de invalidez e descontentamento pela vida injusta e desgraçada.

Encolhido à sombra de uma palmeira enorme, Samuel meteu a cabeça entre as pernas e desandou a chorar qual bezerro desmamado. A

tristeza engalfinhou-se no seu corpo frágil e não houve Cristo que pudesse tirá-lo da depressão.

Um turbilhão de pensamentos apoderou-se de sua minúscula e frágil consciência, fazendo-o questionar sua condição de penúria, sufocando os poucos momentos felizes em que teve a chance de se sentir amado e respeitado por algumas pessoas.

Samuel era sabido, esperto, mas também prático e consciente. As dificuldades anteriores já lhe haviam mostrado o quão cruel a vida pode se tornar, numa violência bem maior que a propriamente dita e vivida por ele. Nenhuma viva alma aproximou-se durante o tempo em que permaneceu ali, esquecido, pensativo, sob sua própria tortura e condenação.

Todos as boas lembranças não foram suficientes para recompor a auto estima de Pirulito, adorado por poucos, desprezado por muitos.

Esgotadas as lágrimas, Samuel levanta-se e põe-se a caminhar, a passos lentos, pela avenida principal, cabisbaixo, indiferente aos olhares da multidão, concentrado apenas no triste fato ocorrido na lanchonete.

Ombros caídos, nariz escorrendo, pés no chão, passa por todos os lugares e pontos onde arrecadava seus míseros trocados. O hotel, a padaria do Pedro Paulo, a banca do Horácio e a Loja do Dico cruzam por ele sem que perceba.

Distante do tempo e espaço, o mundo torna-se pequeno. Seus pensamentos poderiam alcançar a lua e outras galáxias mais, carregados de sofrimento e vontade única de levá-lo para longe.

Em questão de hora, cruza todas as ruas e avenidas possíveis sem prestar atenção em placas ou sinais de trânsito, pessoas ou fatos. Disperso, olhos fixos no chão, perde a noção do tempo e limita-se a seguir em frente, alheio aos acontecimentos.

Pouco tempo depois Samuel sentiu o corpo mais leve e nenhum cansaço nas pernas, apesar do longo percurso. A enorme caminhada parecia tê-lo transformado numa pena flutuante e uma sensação de paz e conforto foi tomando conta de sua alma. Um alívio reconfortante entregou-se a ele de

braços abertos, os pés vibraram ao notar que o peso do corpo não exercia mais influência sobre suas plantas. Nunca vivera emoção semelhante.

Ao olhar para baixo, avistou a cidade numa distância razoável e, ao mesmo tempo, diminuta. Causou-lhe a impressão de estar planando sobre ela, tendo decolado há poucos minutos do chão, livre como um passarinho. Por instantes imaginou estar delirando em razão do forte calor recebido enquanto caminhava pelas ruas. Ajustou o ângulo do corpo na horizontal, estendeu as asas e pegou carona no voo.

A seus pés, uma paisagem fantástica, maravilhosa, de provocar arrepios. A visão de cima jamais lhe ocorrera, a não ser em sonhos e algumas fotografias tipo cartão postal que costumava bisbilhotar na banca do velho Horácio, por distração.

Samuel fez as pazes com o sorriso. Não sentia frio nem calor, fome nem dor. Os problemas parecem ter se distanciado para muito além dos seus limites de sofrimento.

Meu Deus, estou sonhando ou voando mesmo ? Percorre a cidade com os olhos, localiza a praça, o Parque Avenida, é tudo muito lindo, a vista é gratificante. Espera só eu contar para o Dico e o Horácio, eles vão morrer de inveja, ocorre-lhe em pensamentos.

Pairando sobre o ar, susteve as idéias. Não quer perder nenhum lance, deseja aproveitar ao máximo aquela paisagem de encher os olhos e acrescentar mais uma história no seu vasto repertório de causos.

Rejubilado com a paz de espírito, Samuel aproxima-se do chão. Lá embaixo, uma multidão de pessoas aglomera-se em torno de algo. Curioso, quer saber o que houve, não faz a mínima idéia do que está acontecendo.

Privilegiado pelas alturas, não precisa disputar espaço com ninguém, pode ver de cima e descobrir o motivo de tamanho tumulto. Sem se apavorar, permanece flutuando, calmo, controlando seus movimentos com facilidade. Certifica-se de que há um corpo estendido no chão, um menino da sua cor, talvez do mesmo tamanho, idade e semelhança incontestável.

A multidão não arreda o pé do local e concorre para comprovar a fatalidade. Em volta do corpo estirado alguns satirizam, outros choram, são poucos os indignados, uma cena corriqueira. Do alto, Samuel percebe que os colegas de rua estão presentes, entreolhando-se assustados.

Diante do fato, Pirulito não se comove nem chora, lágrimas não são mais o seu forte. Contudo, testemunha o próprio corpo, estático, sobre o chão duro, chamando a atenção das pessoas outra vez.

Inadvertidamente, Samuel, o bom menino da periferia, órfão de pai e mãe, foi atropelado por um ônibus durante a caminhada e transformou-se em mais uma vítima do trânsito violento da cidade grande.

Samuel reconhece que não há tempo para mais nada, cabe a ele aceitar, entender o fato e pedir a Deus que lhe perdoe por ter feito tão pouco em quase dez anos de vida.

Por fim, cai em si, mantém-se firme e reflete as palavras de Dona Marília, exatamente como a protetora mencionou um dia : Subir aos céus, voando feito passarinho, contente, liberto dos males do mundo e rumo ao encontro da eterna felicidade.

No céu, o criador comemora sua volta, os anjos dizem amém, precisam demais dos seus préstimos. Samuel acaba de obter a paz que tanto desejou na terra . . .

A PRIMAVERA

Nazaré teve dois filhos. O primeiro, nascido absolutamente normal, não viveu o suficiente para proporcionar alegrias à família. Aos nove meses foi acometido de uma forte meningite e teve rápida passagem pela Terra, para desespero da mãe, pois a doença pegou a todos de surpresa e quando buscaram ajuda era tarde demais.

Ela nunca se perdoou pela morte do filho. Por um longo período, sobreviveu à base de calmantes e transformou-se num trapo de mulher, absorvendo tamanha culpa e martirizando-se, de manhã ao fim do dia.

O marido, cansado de tantos lamentos, começou a perder a paciência e, não raro, desferia alguns golpes que acabavam por aumentar a angústia da companheira, que viu no filho sua única alegria de viver.

Perdi também a mulher, queixava-se. Desde que nosso filho partiu, não conseguimos olhar direito um para o outro como antes. Tornamo-nos irmãos de pólos iguais.

A esposa limitava-se a escutá-lo e, mesmo consciente da dor do marido, calava-se. Sob pressão recolhia-se ao quarto do casal, para venerar a foto do filho e atravessar horas em orações.

Antes de deitar, Nazaré sentava sobre a cama e contemplava a imagem do menino como se ele estivesse presente, sorrindo para ela, o qual recebia sempre algumas palavras de carinho da mãe :

Pena que você me deixou, filho, mas ainda vamos nos encontrar algum dia, se Deus quiser ! falava sozinha e fitava-o com o olhar terno, banhado por um inconformismo de mãe.

Quase todas as noites, Nazaré demorava a pegar no sono. O pensamento no filho roubava-lhe parte do descanso e podia estender-se madrugada adentro, dependendo do estado de depressão em que se lançava.

O marido, inconformado, não ousava trocar qualquer palavra. Os ouvidos da esposa fechavam-se para ele. Cansou de deitar e dormir sem receber

o tradicional *boa-noite* ou aquele inesquecível *durma bem* do início da relação. Vencido pelo desgosto, punha a cabeça no travesseiro e embalava no sono, a fim de se recompor para a manhã seguinte.

O relacionamento do casal deteriorava a olhos vistos. A vida de Nazaré restringiu-se aos afazeres domésticos e ao tempo dedicado para remoer a perda do filho; a vida do cônjuge, ao trabalho e à paciência com a esposa.

Quando a situação alcançava determinado estágio de indiferença, Nazaré rendia-se aos encostos do marido na cama, permitindo, instintivamente, uma seção de amor e sexo, com aspectos de preconizada morbidez, sem que trocassem uma palavra ou gesto de carinho mais prolongado.

Certa noite o marido não se conteve, indignado com a frieza da relação: Seria melhor eu procurar outra mulher, ao menos falaria comigo e fingiria com mais classe. Nazaré chorou e manteve-se calada, irritando-o ainda mais. Por outro lado, o companheiro, na sua difícil condição, buscava compreendê-la e aceitá-la, afinal, que tipo de mãe resiste à perda de um filho ?

Num domingo qualquer, Nazaré preparou um almoço diferente dos demais, a pedido do inconsolável esposo. Convidaram então um casal de amigos para quebrar a rotina do fim-de-semana. À mesa, uma lauta macarronada, frango assado e vinho.

O marido extasiou-se, deixou de lado as divergências e pôs-se a atropelar as palavras, afobado. Há muito tempo não experimentava algo diferente nos últimos dois anos desde que o menino havia morrido. Nazaré desandou a falar e mostrou-se animada, fora dos trilhos.

O que deu nela, Meu Deus, está delirando ou voltou ao normal ? Troca idéias com seu íntimo.

O dia foi de tréguas no relacionamento. À noite, entregaram-se ao descanso mais cedo e foi impossível disfarçar a emoção alentadora que envolveu-os por inteiro.

Na manhã seguinte, Nazaré acordou com tremenda indisposição. Houve a impressão de que toda a refeição do dia anterior seria despejada para fora e uma sucessão de ânsias de vômito perturbou-a de maneira prolongada.

Preocupado, o marido chamou imediatamente um táxi para levá-la ao único hospital da cidade e não foi trabalhar, quis acompanhá-la de perto e compartilhar o sofrimento de ambos.

Ao entrarem pela porta principal da Casa de Saúde, Nazaré fez sujar alguns metros quadrados do corredor, enjoada pelo cheiro de remédio e sob suspeita de intoxicação. Envergonhada, nada pôde fazer.

Na sala do pronto-socorro, Dr. Isaías acolheu-a, meio assustado, mas o pior havia passado. O médico examinou-a: pressão, batimento cardíaco, dilatação das pupilas, ouvido, garganta e arriscou de cara um prognóstico que seria confirmado uma semana depois, pelos exames de urina e sangue. Nazaré estava grávida e teria a chance de ser mãe novamente.

Que felicidade ! Um momento especial, inesperado e, ao mesmo tempo, muito esperado. Eis a razão da festa de domingo, embora nem suspeitassem do fato. O instinto maternal entrou em jogo e acenou antecipado para a explosão de alegria que tomou conta do casal ao longo do dia.

Nazaré mudou da água para o vinho. Era a redenção, a felicidade reconquistada e a retomada do seu caminho de vida diante da nova missão: ser mãe, reviver a magnífica experiência concebida, única e exclusivamente, às mulheres, por dádiva divina e vontade onipotente.

Durante a gestação, o casal teve um relacionamento conjugal perfeito. Nazaré e o marido conheceram um ao outro mais que no período pré-nupcial e gozavam a vida felizes, traçando mil planos para o futuro da criança que viria, linda e saudável. O segundo filho teria um tratamento semelhante ao do primeiro, muita comemoração, doses excessivas de carinho e ternura.

O casal vivia uma vida razoável, sem nada de luxo ou especial, mas o marido batalhava duro numa pequena fábrica de brinquedos, a fim de proporcionar o mínimo de conforto para a mulher que tanto amava e escolhera pela simples opção de amor , ressuscitada com a notícia da gravidez.

Nove meses de gestação seriam uma eternidade. Nazaré, ansiosa e impaciente, travou longos diálogos com a criança antes do nascimento e preparou-se diariamente para ser a mamãe mais atenciosa e feliz do mundo.

Devido a complicações da primeira gravidez, Nazaré não poderia ter o filho de parto normal e sim pelo método de cesariana. Isto era nada, o mais importante é que viria e, segundo afirmou, seria amado da mesma forma, com amor especial, insubstituível, de mãe.

Ao fim de uma noite de primeiro de abril deu entrada no hospital a paciente Nazaré de Jesus Sobrinho, pronta para uma cirurgia de emergência. A bolsa rompera antes do tempo previsto e não havia de se esperar mais um minuto, sob risco de acabarem mãe e filho complicados.

Dr. Isaías, chamado às pressas, entrou no hospital tão afobado quanto o marido e tratou logo de trazer a criança ao mundo, para alívio e alegria de Nazaré. Tudo correu às mil maravilhas. Pai e mãe cruzaram olhares afetuosos diante do ser que lhes restituiu o gosto pela vida conjugal.

Antônio Vivaldi Medrado Sobrinho, nome selecionado com muito gosto pela mãe, em homenagem ao mestre e compositor do clássico *As Quatro Estações*, nasceu aos trinta e cinco minutos do dia dois de abril, após uma hora de cirurgia e muita briga pela vida.

Vivaldi teve um curto espaço de tempo com a mãe e foi levado de imediato para o berçário, onde recebeu todos os cuidados iniciais dispensados aos recém-nascidos. O pai preferiu o choro ao riso. Nem pôde observar direito a fisionomia do filho, tomado pela emoção: É homem!!! exclamou em silêncio.

Logo de manhãzinha, Nazaré rogou à enfermeira de plantão que lhe trouxesse a criança, inteiramente tomada pela saudade que transforma um minuto numa eternidade.

Desconcertada, a enfermeira tenta confortá-la e menciona apenas que na hora devida o bebê seria trazido para junto dos braços da mãe. Não demorou muito quando o Dr. Isaías e dois auxiliares entraram no quarto onde Nazaré e o marido aguardavam notícias do menino Vivaldi.

O médico ensaiou algumas palavras, rodeou o pai e segurou a mão esquerda da mãe. Sem prolongar o sofrimento do casal e sem meias palavras, disparou com voz seca e relativamente baixa: Devo dizer-lhes,

infelizmente, que seu filho nasceu com a Síndrome de Down, mais conhecida por mongolismo.

O marido era leigo no assunto, mas Nazaré tentou fazer de conta que não entendeu. Foi um tiro à queima-roupa e com o choque, derramou-se em lágrimas que fariam inveja ao vales transbordantes do rio mais cheio. Despertado, o companheiro percebeu a gravidade do problema e por pouco não foi a nocaute. Nazaré se mostrou inconsolável, entregou-se ao silêncio e pediu aos médicos que os deixassem a sós.

A dor foi superior à do parto. Ainda sem compreender o fato, o pai rogava à esposa que explicasse o verdadeiro significado da doença. Arrasada, Nazaré adiou a conversa e emudeceu. O filho que cultivara na barriga, de maneira carinhosa e exagerada, veio ao mundo como nunca desejou, deficiente e a partir de então estaria sujeito a todas as dificuldades do mundo.

Nazaré acalmou-se e passados mais de trinta minutos, a enfermeira responsável entrou pela porta com Antônio Vivaldi nos braços. Era hora do filho vir para junto da mãe, todo arrumadinho, cheirinho inevitável de bebê e sob a inocência do ser humano mais doce da face da terra, visível à luz do dia.

O pai, mais que depressa, pregou os olhos gulosos sobre a criança e entendeu a razão da agonia de Nazaré. O rosto deformado do menino não deixava dúvidas, nascia também uma longa peregrinação do casal diante de uma sociedade injusta e combalida, implacável e discriminadora.

Por quê, meu Deus ? foram as primeiras palavras da mãe, tentando buscar uma justificativa para o acontecimento, irreversível.

O Senhor levou-me o primeiro filho e agora deu-me outro para que eu volte a sofrer, resmungou para si mesma, enquanto deslizava suavemente a mão sobre a cabeça do menino. Todavia, dispensar-lhe-iam o maior zelo possível, afinal, tratava-se de uma criatura indefesa que não pediu para vir ao mundo e, além do mais, a inocência é sensível a qualquer sentimento de repulsa. Atônito, o pai entregou-se à quietude, de maneira que era impossível atravessar-lhe os pensamentos .

Um misto de revolta e inconformismo dominou Nazaré. Uma tempestade de medo e pavor abalou o seu frágil equilíbrio. O que dizer aos pais, amigos, vizinhos ? Como arranjar forças para suportar a enorme peregrinação ? A princípio, a resposta não veio. Antônio Vivaldi permaneceu no quarto por uma hora e logo foi retirado dos braços da mãe.

Marido e mulher, tomados pela dor, abraçaram-se e trataram de consolar um ao outro. Rezaram juntos e pediram a proteção de Deus, a fim de evitarem decisões precipitadas e pensamentos imprecisos. O quadro sombrio na sala do hospital esconde-lhes o ânimo. O que mais nos resta, Nazaré ? indaga o marido, desnortado.

A companheira pensa, divaga, repensa, olha-o com a mesma ternura da mãe que pretendia ser antes da chegada do menino e, suave, confia: Um filho era o que eu mais desejava na vida, preparei-me como ninguém para recebê-lo e amá-lo com todas as minhas forças. Não importa agora de que forma Deus nos atendeu, é nosso dever cuidá-lo, para que não seja mais uma vítima no mundo. Deus também é pai e sabe do meu sofrimento, hei de cumprir esta missão até o fim dos meus dias.

Confuso e perplexo, o pai ouve atentamente as doces palavras e concorda, de início, com Nazaré. Contudo, num instante de fraqueza, o espírito despreparado envia-lhe uma saraivada de pensamentos que colocam em jogo o verdadeiro amor que sente pela esposa.

Pai do céu, um filho doente de mongolismo? Como vou agüentar tudo isso ? E se Nazaré voltar a sofrer como antes ? Como enfrentar os comentários dos que se dizem amigos? Recheado de dúvidas, conjeturou, inclusive, a possibilidade de entregar a criança a uma instituição, diante do medo que dominou-o, por ignorância.

Como pode? rebateu-lhe a consciência. Você ama sua esposa e um filho era o seu maior desejo. Quantos casais pagariam fortunas por uma criança e não podem tê-la. O que você é ? Um verme, insensível, desumano? Pense, homem, seu filho pode ser bem cuidado e somente o fato dele receber o

amor dos pais será um grande passo para superar o problema. Deus sabe o que faz, alerta o ditado.

Alguns minutos de reflexão, recuou e respirou aliviado. Afinal, não era um carrasco de si mesmo, indiferente. Conhecia a responsabilidade de perto e jamais deixaria de cumprir a obrigação de pai e cristão, fiel ao princípio do **Amai-vos uns aos outros como Eu vos tenho amado.**

À tarde, com a criança novamente nos braços, Nazaré pede ao marido que aproxime-se e, juntos, contemplando aquela figura meiga e angelical, sensível aos olhos do mundo, proferiram uma única frase que definiria o destino do filho tão esperado : Nós te amamos muito, filho !

Antônio Vivaldi sorriu, à sua maneira, mas sorriu.

A PORTA ABERTA

Deus foi testemunha de quantas vezes Abraão relutou para adentrar aquela pequena igreja situada a meio do caminho da casa onde morava e o escritório em que trabalhava há mais de dez anos. Julgava-se um ateu convicto e jamais aceitou a existência de um ser superior, responsável pela criação do Universo e seu conjunto de leis. Com freqüência, era visto entre colegas cristãos e protestantes nas ruas da cidade, em pontos de encontro da juventude local, discutindo o indiscutível.

Quando o tema religiosidade emergia do nada, o jovem rapaz transformava-se, agindo de maneira agressiva, inflexível. Raramente admitia o fato de repensar o assunto e, por inúmeras vezes, ofendeu companheiros e vizinhos nas conversas em que tentou conduzir para estabelecer a sua verdade.

Durante a maior parte do tempo convivia pacificamente na sociedade mostrando-se simpático, amigo e prestativo. Cansou de se desdobrar em favores para pessoas de pouco contato e conhecimento.

Religião é uma questão sagrada nas cidades pequenas e quando colocada em discussão, via-se cair por terra toda aquela camaradagem que dispensava sem nada pedir em troca. Era como se um espírito maligno assumisse o controle do rapaz e o fizesse repelir qualquer tentativa de acolhimento da palavra Deus.

A cidade tinha sua força religiosa centrada no catolicismo, seguido do protestantismo e uma pequena minoria ligada mais ao obscurantismo que o ateísmo em si.

Aos domingos, como de costume, quase toda cidade se ocupava de cultos e missas matinais. A minoria não participante acomodava-se pelos bares e praças públicas próximas às igrejas, pontos estratégicos de desocupados que aguardavam ansiosos a santa saída dos templos sagrados, a fim de observarem as jovens donzelas bem vestidas da sociedade local.

Era o programa preferido do fim-de-semana, inclusive para jovens católicos e protestantes, embora mais discretos, uma vez que participavam ativamente como fiéis e haviam de manter as aparências, pelo menos naquele momento.

Abraão não era diferente. Adorava quando elogiavam seu comportamento de rapaz sério e ajuizado. Não bebia nem fumava. Em bares entrava somente para comprar chocolates ou sorvetes, seus únicos vícios. Porém, fazia plantão no banco instalado na varanda do bar, em frente à igreja católica, com o intuito de esperar a mesma saída de missa feito muitos jovens da sua idade.

A idéia formada por ele sobre religião era restrita à de pessoas reunindo-se para ouvir e absorver um livro de asneiras despejadas pelos padres e pastores. Na sua pobre concepção, religiosos eram pagos para ludibriar o povo e extorquir dinheiro fácil, através de sermões inflamados e desnecessários, sob pretexto de concluírem obras sociais e ajudarem a população carente.

Ateu por vontade própria, em dez anos de convivência na cidade nunca arrancou convite de família alguma para o tradicional almoço de domingo. Todos conheciam sua fama e temiam provável indisposição durante ou indigestão após a refeição, provocadas pelas possíveis investidas grosseiras do rapaz.

Uma pena. Sem parentesco algum no povoado, acabava sempre por comprar comida pronta em alguma pensão barata ou devorava sanduíches de pernil na única lanchonete aberta aos domingos, em companhia do além.

Quando na solidão, permitia-se questionar em sua triste cabeça dura, o motivo de tamanha falta de consideração por alguém, aparentemente, benquisto pela comunidade : Vejam como são as pessoas, lamentava sozinho , nem sequer para o almoço lembram de mim.

A caminho do trabalho, de segunda a sexta-feira, diminuía a velocidade ao passar diante da igreja e, hipnotizado, obrigava-se a desviar os

olhos curiosos para contemplar a singela construção onde se reunia mais da metade da cidade, aos domingos, em cantos e orações. Porém, tentado a ceder, resistia. Era demais para o jovem aceitar o convite involuntário, mas a reação, automática.

No exercício de ateu, vivia a contestar a origem do nome que recebeu dos pais; Abraão lembrava outro nome mencionado no Antigo Testamento da Bíblia.

As escrituras não lhe convinham, mas foram objeto de estudo quando teve de assistir, obrigado, às aulas de catecismo no primeiro grau da escola, de maneira que associou o nome aos cristãos e tinha-lhes certa repulsa, por total descrença em tudo que o livro sagrado apresentava.

Ao cruzar a igreja, imaginava-se algum dia participando da missa, embora repudiasse a idéia. Talvez fosse uma boa maneira de conquistar a confiança e simpatia de alguns, ainda que a contragosto, o que parecia impossível ao seu discurso.

Abraão era duro consigo mesmo, a ponto de recusar centenas de convites dos colegas de trabalho e conhecidos para participar de festas religiosas e encontros de jovens nos fins-de-semana, esquivando-se das possíveis amizades.

Eu, hein, murmurava, querem converter-me na marra, sei o que pretendem. Sou o que sou e não quero prender-me aos seus fanatismos, muito menos podem obrigar-me a crer em algo que não existe. Sou mais forte que todos, maldizia.

Certo dia, Abraão levantou com o pé esquerdo. Deu-se mal, apanhou uma chuva daquelas na metade do percurso, chegou atrasado para a reunião com os donos da empresa e, por fim, recebeu a infeliz notícia de que seria transferido de setor, à revelia. Era a mudança ou a rua. O departamento foi reestruturado e seu cargo extinto. Dos males o menor.

Malditos cristãos ! bradou, referindo-se aos donos da empresa, espumando de raiva. Querem acabar comigo, pois não faço parte do mesmo reduto religioso, mas sei cumprir o meu dever corretamente.

O jovem perdeu o controle e, fora de si, mostrou-se incapaz de exercer a calma diante de um simples fato. Talvez preferisse a demissão e não atentou para a possibilidade. Salvo da degola, optou pela ingratidão e houve por bem quebrar o bom relacionamento adquirido na empresa ao longo de dez anos de trabalho e amizade.

Com muito esforço, consegue restabelecer o equilíbrio e entrega-se à solidariedade prestada pelos companheiros de trabalho que, pacientes, tentam confortá-lo com brincadeiras e provocam reação imediata.

Calma, tenha fé em Deus, dizia a secretária. Deus, que Deus ? rebate o jovem com indiferença. Onde está esse Deus que faz e desfaz comigo, contrário à minha vontade ? E você ainda me pede para ter fé em Deus ? Paciência, tornou a aconselhá-lo a companheira, pense no lado bom das coisas, continuas conosco.

Minutos depois, Abraão aceitou aquela imposição disposto a contratar, mas optou por avaliar melhor a questão. Um grande avanço, levando-se em conta o temperamento difícil do rapaz.

Abraão calou-se pelo resto do dia. Após o expediente, seguiu para casa desolado. A passos largos, desviou o trajeto original e, cabisbaixo, fez questão de não olhar para os lados, evitando cumprimentos e olhares. O dia não foi dos melhores. Ao longe, os últimos raios de sol despedem-se da aflição estampada no seu rosto.

Dentro de casa, curvou-se para apanhar um carta colocada por baixo da porta pelo carteiro local, como de costume. Era da irmã que escrevia sempre colocá-lo a par da saúde da mãe. A princípio, exultou de alegria. Oh, que maravilha, pelo menos uma notícia boa hoje! Alguém lembrou de mim.

Ao abrir o envelope e dissolver o primeiro parágrafo, viu-se a fisionomia do pobre jovem retomar o aspecto de desencantamento. Abraão emudeceu e, sem companhia solidária para lamentar o fato, deixou escorrer uma lágrima até o canto da boca, onde acolheu-a com a língua.

Querido irmão . . . mamãe está pela boa . . . tem poucas semanas de vida... diz a carta, escrita em ritmo de desespero.

Abraão caiu no sofá e desandou a chorar feito recém-nascido. As lágrimas formaram uma torrente capaz de alagar o cubículo onde morava, acompanhadas de um forte soluçar, de difícil controle. Ninguém seria capaz de imaginar a longitude do seu sofrimento e a latitude de sua dor. Pica-lhe a mente o nome de Deus.

Desorientado, deixa esgotar o manancial de lágrimas e coloca-se a meditar. Pensa na vida e em tudo que ela oferece e cobra também, de cada um na terra. Por um segundo sente a descrença abalada. A quem podemos recorrer nessa hora ? questiona-se.

Os olhos inchados e a solidão forçam-no a deixar o ambiente hostil moldado pela própria depressão. Sentado por mais de duas horas, decide caminhar para espairecer, respirar ar puro e ganhar a calçada feita de paralelepípedos irregulares, a fim de estimular a circulação sangüínea em suas pernas trêmulas.

Quando se dá por conta, encontra-se diante daquela humilde igreja, onde passava todos os dias e nunca tivera a ousadia de visitar. Um templo de Deus, como diziam os fiéis.

E agora, Abraão, quem sabe aí dentro alguém possa te ajudar? ocorreu-lhe impulsivamente.

Hesita por alguns minutos, pensa, reavalia a possibilidade, refaz-se da dúvida. Quanto mais reflete, confunde a si próprio.

A formação de opinião, enraizada, é capaz de sobrepor a razão, cegando o indivíduo, apesar do subconsciente, Deus, acenar diferente. A emoção ensaia esclarecer-lhe dezenas de perguntas, cujas respostas contrariam a formação convicta de ateu.

Deus, que Deus? Pai, que Pai? Senhor, qual Senhor? Universo, Céu, Paraíso ? repensa confuso.

Abraão havia refletido demais. Cauteloso, olha para os lados com medo de ser reconhecido e segue caminhando, a passos curtos e lentos, pela calçada que liga o portão à entrada principal da igreja.

Preocupado ainda com testemunhas, abre a porta num leve toque, empurra-a devagar e avança dois passos. Dentro, coração do jovem dispara, os olhos percorrem envergonhados a imagem de Cristo sobre o altar, suspensa por um enorme crucifixo de madeira.

O retorno é mera possibilidade, desnecessário, contrário à sua decisão. A atração é maior que a simples curiosidade. Eis que, na sua humilde e absoluta entrega, uma voz doce e serena lá no fundo convida :
Entra, meu filho, não tenhas medo !

De joelhos, derrama-se em lágrimas . . .

PRETO DE ALMA BRANCA

Júlio César era um negro convicto. Sim, daqueles que batem no peito, e um defensor ferrenho da cor onde quer que se apresentasse, capaz de mover céus e terras para enaltecer a raça.

Contava ele com 22 anos de idade quando conseguiu o primeiro emprego, de verdade, numa indústria de cervejas. Antes, porém, resistiu a uma centena de negativas das empresas onde procurou emprego, sem tréguas, munido de um currículo recheado de cursos profissionalizantes, embora estivesse sustentando-se, até àquele momento, como free-lancer em qualquer negócio lhe rendesse alguma grana.

Júlio César conhecia o valor da persistência e da força de vontade. Era dotado de fé e paixão pela vida, aliado ao fato de reunir uma força interior capaz de suportar o peso astronômico da discriminação.

Nascido de pais pobres da periferia, conviveu de perto com a precariedade e violência sem limites e nunca se deixou influenciar pelo meio. Viu amigos morrerem de fome, outros de frio, muitos por excesso de drogas e álcool e outros tantos executados pelas gangues instaladas nas favelas.

Ainda pequeno, implorava aos pais para que o levassem à escola e jamais faltava às aulas sem motivo convincente. Certa vez, acometido de sarampo, viu-se obrigado a respeitar uma quarentena contrária à sua vontade, mas não abandonou os cadernos.

Desde cedo aprendeu o significado da palavra discriminação. Na favela em que vivia, amigos de infância e os próprios pais incutiam-lhe, inconscientes, o fantasma e o peso da palavra, com frases que submetiam-no à condição de maldito, nefasto e escravo.

Some daqui, negrinho safado, sugeria-lhe o pai, pelo prazer de vê-lo correr assustado. Trabalha, escravo, diziam os amigos que encontravam-no a qualquer pela rua a qualquer hora do dia, engraxando

sapatos ou catando lixo que trocava por comida ou moedas nas usinas de reciclagem.

Muitas e muitas vezes, o menino Júlio César foi visto fazendo um outro serviço indigno, com o firme propósito de garantir o troco para o sanduíche em qualquer botequim.

Ao entrar em lanchonetes, bares ou restaurantes da cidade, balconistas e garçons preferiam enxotá-lo, sem direito a dizer a que veio, mesmo com dinheiro no bolso, a fim de comprar algo para superar os limites da fome. Cai fora, negrinho ladrão !!! Sai, trombadinha !!! ouvia demais.

Apesar de toda violência, o garoto retirava-se, calmo, e partia para outros pontos onde pudesse ser bem recebido como freguês e não feito marginal. Sem sucesso, limitava-se a comprar pipoca em carrinhos de rua ou doces para enganar o estômago, na banca mais próxima.

Júlio César procurava não gastar toda grana que arrecadava, fruto do trabalho diversificado pelas ruas da cidade.

Seus pais esperavam-no ansiosos, a qualquer hora do dia, para tomar-lhe o dinheiro. De posse dos trocados, o pai corria para o bar e a mãe para a farmácia adquirir produtos de beleza comuns, como esmalte e outras banalidades quando o valor lhes permitia. Comida e roupa nem pensar.

Na verdade, nunca houve preocupação dos pais em guardar parte do que era conseguido pelo menino. Preferiam andar esfarrapados, pedindo em casas de assistência social e albergues que procuravam a fim de espoliar, nunca para contribuir com trabalho.

E coitado do garoto quando chegava em casa sem dinheiro no bolso, não havia justificativa plausível que pudesse conter a ira do pai. Entrava logo na cinta, para valer. Cansou de dormir na rua, ao relento, com medo de apanhar.

Se apanhava, os gritos eram engolidos secos, sem se deixar abater. E nem um pio, moleque, dizia o pai. Morria de vergonha dos vizinhos e amigos no dia seguinte, embora a situação de outras famílias não fosse

diferente da sua, uma rotina de violência entre pai e filho, marido e mulher, vizinho e vizinha.

Pobre Júlio César, submetido àquela humilhante rotina imposta pela crueza dos pais, agüentava lúcido e firme a convivência com eles. Gostava da mãe e tinha admiração pelo pai, além de uma vaga esperança de que o relacionamento pudesse mudar algum dia.

Na escola, orgulhava-se de ter uma família como tantos outros e fazia questão de dizer que morava com eles, sem contar aos colegas nada a respeito da vida infame que levavam.

Destacava-se entre os alunos da classe pela facilidade com a leitura e a matemática, mas não escapava ao estigma da discriminação. A começar pela professora, branca e de nariz arrebitado, que jamais admitiu a possibilidade de elogiá-lo perante os colegas. Quando eram formadas equipes, de três ou quatro crianças, Júlio César raramente fazia parte de qualquer composição de alunos de cor branca.

A professora cumpria rigorosamente a imposição da direção e, de certa forma, dos pais imbecis de alunos que pouco se importavam com o fato de seus filhos estarem em formação moral e educacional, uma vez que o bom relacionamento poderia tomar nova versão a partir da convivência com meninos de cor.

Júlio César entendia perfeitamente a situação. Ao completar quinze anos entrou para a primeira série do segundo grau e o horror da discriminação continuou pesando sobre sua cabeça.

No primeiro dia de aula, após um cansativo dia de trabalho e sujeitando-se a estudar à noite, ouviu um engraçadinho de cor branca e de alma negra atribuir-lhe uma chacota, no fundo da sala : Viva o representante de Uganda !!!

Todos caíram na gargalhada e o rapaz fez de conta que não era nada pessoal, mas era o único negro da turma.

Algo que desenvolveu muito bem, convivendo com a discriminação, foi o autocontrole invejável, pois sabia que o revide não o

beneficiária em nada e, portanto, piadas de mau gosto entravam por um ouvido e saíam pelo outro.

Em uma semana de aula, o jovem mostrou aos colegas a personalidade forte e a pura vontade de acumular conhecimentos, enriquecer a mente e aprender, aprender cada dia mais.

Com o passar do tempo, chegou a tal nível que era tido como idiota pelos companheiros de classe, os mesmos que protestavam contra o ensino e os professores, alegando péssima qualidade.

Em contrapartida, viam-se obrigados a fechar a boca diante do desempenho do colega que comprovava exatamente o oposto. Ameaçavam-no cobri-lo de pancadas num dia qualquer se o *preto* continuasse a dar uma de bonzinho perante a professora e os demais.

O negrinho era muito aplicado e decidido. A decisão eleva o sujeito às alturas e a ousadia ultrapassa os limites do conhecimento quando utilizada em nome da razão. O rapaz conhecia muito bem esse fundamento. Além de tudo, tinha Deus no coração e confiava cegamente na proteção divina.

Aos dezoito anos, não obstante os esforços desmedidos, obrigou-se a paralisar os estudos, temporariamente, pelo menos até encontrar um emprego justo e decente que lhe permitisse bancar os extorsivos valores cobrados pela escola e ainda contribuir para o sustento da família.

Pés no chão e cabeça nas estrelas, continuou a trabalhar em troca de um salário irregular, sem vínculo empregatício, disposto a não interromper a ajuda aos pais. Eles, porém, nada faziam para melhorar a vida da família ou estimular a boa vontade do filho.

O que não lhe faltava era amor próprio. Consideração não haveria de ter, pois fora despejado no mundo, mas tinha dignidade e consciência. O mínimo que devo fazer é não seguir o exemplo dos meus pais, pensava consigo mesmo.

Paralisados os estudos, Júlio César empenhou-se numa cruzada incansável, com o intuito de obter um emprego fixo, digno do seu merecimento.

Em quatro anos visitou mais de cem empresas da cidade e a única ocupação oferecida, em geral, era a de trabalhador braçal ou outra função similar que o desestimulava. Contudo, não se deixou abater. Lembrava dos pais, dos irmãos menores, dos amigos de rua, da vida sofrida na favela.

Durante as entrevistas, recrutadores de pessoal viam-no com bons olhos, mas eram barrados por patrões de visão obtusa que restringiam a contratação de negros como ele, à luz do dia, de forma elegante.

Tempos depois, tomou conhecimento do resultado de seu teste e entrevista na fábrica em que um amigo trabalhava, considerado o melhor entre trinta e cinco candidatos que se apresentaram, porém, a vaga ficou para outro, sob pretexto da falta de experiência para o cargo.

O que mais poderia ser, senão a cor? ocorreu-lhe de imediato. Pode a cor substituir a capacidade de alguém e torná-lo inferior em qualquer atividade? Calma, Júlio César, calma, aconselhou a mente.

Graças ao suor do seu rosto e aos calos das mãos, conseguiu reformar o barraco onde morava com a família. A casa contava com quatro peças e o seu quarto era separado por uma cortina de pano velho, suficiente para isolar o lugar de descanso e meditação.

À noite, sem falhas, antes de dormir, cumpria religiosamente um ritual de orações e agradecimentos por mais um dia de trabalho e de sobrevivência. Obrigado, Senhor, muito obrigado! sussurrava.

Nunca fôra incentivado a rezar, mas a fé tocou-lhe os ombros quando entrou pela primeira vez numa igreja, aos doze anos, e ajoelhou-se, voluntário, imitando alguns fiéis que rezavam baixinho em pleno horário de almoço.

Ao orar, pedia a Deus que o ajudasse a obter um bom emprego, a fim de continuar os estudos e dar prosseguimento a uma carreira digna de reconhecimento e orgulho perante a sociedade.

Certa vez, passando em frente ao Setor de Pessoal de uma indústria cervejeira, resolveu tirar informações com o último sujeito da fila, o qual completava um extenso cordão de candidatos à vaga em aberto.

Júlio César ampliou o tamanho da fila e, enquanto aguardava, estudou as possibilidades, analisou pré-requisitos, fechou os olhos, rezou. Sendo o último da fila, imaginou-se o primeiro e não desanimou. Os últimos serão os primeiros, lembrou. Os demais cultivam a derrota, a julgar pelo cenho de suas faces.

Três horas se passaram até chegar a sua vez. O recrutador fez sinal para que se aproximasse e parecia o único candidato, coberto de empolgação e, sem sombra de dúvida, confiança em si mesmo. Convidado a sentar, sorriu discretamente e respondeu todas as perguntas feitas pelo entrevistador. E a última : O que mais o Senhor espera da nossa empresa ?

O fato de ter sido chamado de Senhor foi um progresso sem tamanho. Com voz mansa e pausada, despejou firme : Como pode notar, sou uma pessoa negra e, independente disso, lutei para adquirir o máximo de conhecimentos, como qualquer branco faria. Tive um agravante maior, lutei contra todo tipo de discriminação e não creio que a empresa esteja selecionando candidatos pela cor e sim pela capacidade de contribuição do pretendente.

Emocionado, pondera, retoma o fôlego e encerra : Preciso muito do emprego e posso oferecer algo que talvez o branco nem precise, a vontade de provar, em qualquer lugar do planeta, que o negro é capaz ao extremo quando lhe dão oportunidade. Tenho vontades e desejo prosperar como qualquer outra pessoa e nada diz que devo decepcioná-los antes de ter uma chance.

Perplexo, o homem fita-o com olhos esbugalhados, levanta-se e estende-lhe a mão direita. Num aperto firme e sincero, sela a entrevista: Parabéns, a vaga é sua !

Simplezas palavras, honestas, de uma firmeza indescritível. Eis o valor da persistência, da oportunidade e da confiança inabalável em Deus. A esposa do entrevistador e do maior acionista da empresa eram negras, assim como ele. Tentado a descrever, cai em si, o coração dispara, a ansiedade se vai. Obrigado, mil vezes obrigado !

Júlio César foi o primeiro negro contratado na função de *Aprendiz de Cervejeiro*, em trinta anos de vida da empresa, vaga garantida, exclusivamente, até àquela data, aos de pele clara.

BOA NOITE, SENHOR

Hoje não foi meu dia de sorte, reinou baixinho aquele senhor de 63 anos de idade, voltando ao mesmo lugar de anos, onde construía um cantinho acolhedor, após acirradas disputas entre muitos outros em condições semelhantes, de absoluta miséria.

Nada poderia ser mais animador para um velho da sua idade, um lugar só seu, mesmo debaixo da ponte, conquistado a duras penas, onde se dava ao luxo e à liberdade de entrar e sair quando bem entendesse, sem a menor satisfação, dispensado de pagamento do aluguel, luz e água, longe das pressões da sociedade.

O local não era muito aconchegante. O barulho ininterrupto dos veículos que trafegavam sobre a ponte soava como ladainha ao ouvido do pobre homem. Poeira e fuligem faziam parte do seu cotidiano como inimigos cruéis e inseparáveis do seu corpo debilitado.

Foi uma questão de tempo. Aos poucos acostumou-se com o som das buzinas e freadas bruscas que, longe de se apresentarem em forma de música clássica, alojavam-se automaticamente no seu subconsciente. Saía logo cedo para a batalha da mendicância e voltava à noite, cansado e sonolento, ao passo que o barulho não lhe causava o menor efeito.

Assim que voltou da rua naquela noite, encontrou o abrigo todo desarrumado. As latas onde requentava a comida, os tijolos que lhe serviam de fogão e até mesmo os cobertores empoeirados que utilizava para dormir, nada se encontrava no devido lugar, como se um terremoto tivesse passado por ali causando o maior estrago.

Quem teria feito isso comigo ? Resmungou o velho, lembrando que fôra vítima noutras vezes em que arruaceiros invadiram o local à procura de dinheiro e comida, e destruíram-no por simples prazer.

Não seria bom saber, responde a si mesmo, conformado, e inicia a arrumação do ambiente. O importante é que continuava tendo lugar

para morar e deveria preservá-lo com muito carinho, visto que a cidade estava tomada de mendigos e meninos de rua e já não havia muitos lugares a ocupar. Quanta maldade, pensou. Um homem que já deu duro na vida, trabalhando de sol a sol por mais de quarenta anos ao cabo da enxada, plantando e colhendo, construindo casas, hoje aqui, dependendo de trocados e da boa vontade de outros, à mercê do destino implacável que não seleciona suas vítimas. Por quê, meu Deus, tenho de passar por tamanha provação ? Está me testando, Senhor ?

Paciente, vai arrumando as coisas devagar, lembrando do tempo em que desfrutava a doce companhia de sua esposa Joana, que partira desta para melhor dez anos antes, como ele mesmo gostava de frisar. Não levavam uma vida de extravagâncias. O pouco que conseguiam era suficiente para o sustento da família e o estudo dos filhos.

Juntos, jamais passaram dificuldades no campo. Moravam numa boa casa cedida pelo dono da fazenda e podiam usufruir dos bens comuns a todos os empregados, inclusive, dos filhos do patrão.

Que saudades da enxada, do café quentinho na caneca, do milho cozido e do ribeirão ! Hoje, nem banho posso tomar, vivo aqui e ali, fedendo, as moscas me acompanham e as pessoas esquivam-se de mim, sem cerimônia.

Em poucos minutos consegue reorganizar o ninho. A noite seria um pouco mais fria dessa vez, pois levaram seu colchão feito de papelão velho, trazido dos depósitos de lixo que gostava de visitar regularmente. Não tem problema, conformou-se. Ainda bem que não levaram meu cobertor, isso é o que importa, o que cobre e não o que vai por baixo.

Refeito o local, começou a retirar o pouco de comida que conseguiu durante o dia, perambulando pelas ruas: algumas laranjas passadas, pedaços de frango carcomidos, um pouco de arroz e dois pães secos; O jantar estava servido.

Calmamente, descascou uma laranja com as próprias unhas, aquelas mesmas unhas recheadas de restos de alimentos acumulados ao

longo de dias. Em seguida, apanhou um pão e mastigou-o com vontade, tendo guardado o outro para a manhã seguinte.

Oh, minha Joana, você me faz falta, nunca vou esquecer aquele feijãozinho fervendo no fogo e o pãozinho amassado com tanto carinho, exalando um aroma inconfundível, de fazer inveja à vizinhança toda. Nem mesmo um enterro decente eu pude te dar, resmungava baixinho.

Decidiu não comer o arroz, pois não havia como esquentá-lo. Preferia aquecido, mesmo que fosse na lata pretejada pelo fogo diário, agora amassada pelos chutes dos invasores. O fósforo havia sumido também, procurou-o por todos os cantos e não encontrou, lembrando que restavam dois palitos, mas serviriam. Não perdoou o frango, comeu-o frio mesmo.

Antes frio que azedo, sentenciou o velho. Frango, pão e laranja, estava bom demais, fácil de enganar o estômago. Restava apenas uma boa noite de sono.

Dirigiu-se para trás de uma das colunas de sustentação da ponte e lá fez o seu *xixi* noturno. Demorava para urinar. A velhice retardava um pouco a urina, principalmente a dele, mais dolorida em virtude de algumas pedras acumuladas nos rins durante os últimos anos, fruto da alimentação totalmente desregulada.

Freqüentemente, chorava a si mesmo num ritual de desânimo e lamento, tentando entender aquela situação vexatória e a vida injusta que o destino lhe proporcionara, sem consulta prévia.

Algo nele era sagrado, podia ser mendigo, vagabundo ou como quisessem julgá-lo, mas não dormia sem rezar. Carregava no peito uma medalha de São Judas Tadeu, padroeiro dos necessitados, suspensa por um cordão de nylon e rogava humildemente a proteção do santo. Conhecia o pai-nosso e a ave-maria de trás para frente e fazia questão de rezar duas vezes cada oração, antes de apagar. Agradecia a Deus por pior que fosse o dia. Pai-nosso que estás no céu, santificado seja o vosso nome rezava pausadamente, com intervalos prolongados entre as palavras, provocados por uma respiração deficiente e ofegante.

O velho cobria sempre a cabeça para dormir, não que tivesse medo e sim o hábito de se aquecer com o calor da própria respiração. Medo era algo que não lhe passava pela cabeça. Medo de quê ? De quem ? perguntava-se. Quem se importaria com um pobre velho como eu, que mal pode se sustentar em pé ?

Demorava um pouco para dormir. Embora acostumado às caminhadas diárias pelos becos da cidade, o cansaço das pernas e dos braços roubava-lhe parte do sono. Contudo, conservou a mesma disposição do tempo em que levantava às quatro da manhã, cheio de vida, pronto para o trabalho no campo.

Que resto de homem sou eu ? Indagou em pensamento. Ao mesmo tempo, a resposta surgiu como um relâmpago, sem chance de que pudesse alimentar aquele martírio lastimável. Você é um homem, Severo, rebateu-lhe a consciência. Espantou-se com a própria espontaneidade, dominado por uma força estranha que invade-lhe as idéias.

Você é um homem, repetiu a voz, um homem que não rouba, não mata nem maltrata, incapaz de fazer mal a um inseto. Um homem que foi levado à condição de mendigo por não ter reagido como deveria, deixando-se dominar pelos acontecimentos e aceitando a imposição do castigo, sem resistência alguma.

Os olhos do velho saltaram. O que o teria levado a disparar tão verdadeiros pensamentos ? Custou a entender, mas foi suficientemente capaz de imaginar e refletir o acontecido. Deus está comigo, murmurou. Nada hei de temer, sei que Ele me acompanha por todos os lugares, desde que levanto até quando me deito. Ele está do meu lado, ocupando um espaço sob este meu cobertor surrado.

Alguns segundos de reflexão, antes de apagar, aproveita para conversar : Ajudai-me, Senhor, ajudai-me ! Olhai por este teu filho que já não tem a quem recorrer, a não ser à tua bondade infinita. Eu trabalhei duro a vida toda, servi ao mundo e criei meus filhos com preocupação. Eis-me aqui, na condição pior possível. Um animal não sofre tanto, pois geralmente, tem

um dono que o alimenta e um abrigo para ficar. Nada sei dos meus filhos. Estão bem ? Sabem que ainda vivo? Será que tenho netos ? Talvez seja um ou outro que, de vez em quando, me beneficia com alguma esmola nas ruas. Quanta injustiça e tamanha desproporcionalidade, uns no topo, outros no fundo. Tem de ser mesmo assim, ó Deus ?

Por um instante, os olhos do velho brilharam mais que as estrelas e o pensamento voou longe. Se eu resolvesse mudar hoje, alguém aceitaria um velho maltrapilho como empregado ou hóspede ? Sei que não, prefiro viver pelas ruas, aqui e ali, sem cobrar responsabilidades de ninguém. O mundo faz suas leis, Senhor, e os que não acatam são rejeitados como lixo humano, despejados no submundo da violência, não a violência propriamente dita, mas aquela desprovida de palavras e gestos, a violência da omissão e do descaso.

Tenta bloquear os pensamentos novamente, sente um calafrio percorrendo a espinha e busca aquietar a mente. Parece impossível.

Uma brisa suave balança a ponta do cobertor e incomoda-o. Procura manter as orelhas cobertas e os pés encolhidos, desacelerando a respiração.

Ao redor, alguns grilos e besouros entonam longas melodias que se estendem pela madrugada, ampliando o volume da orquestra regida pelos ruídos e buzinas dos veículos.

Boa noite, Senhor, até amanhã cedo, preciso reservar forças para um novo dia. Quem sabe eu tenha sorte e consiga um pouquinho mais de comida, profere em tom de sussurro. Eu nem preciso de comida, Senhor, mas se conseguir alguém que olhe para mim e sorria, aí sim, será bom demais e, então, posso morrer de felicidade.

Nem mais uma palavra, apenas um leve ranger de dentes, o vento frio de companhia e a persistente sinfonia da madrugada.

Próximo a ele, Deus o admira e ameniza seu sofrimento para uma boa noite de paz e tranquilidade . . .

O PAI PRÓDIGO

Seis e meia da tarde de uma segunda-feira qualquer. Cumprindo o ritual diário há mais de quinze anos, Aramis chegava para uma nova rodada de aperitivos com os amigos, expressão que utilizava repetidas vezes em casa para se justificar perante a esposa e dois filhos.

Aramis esforçava-se para levar uma vida normal. Gostava da família, tinha um bom emprego, mas preferia curtir o restante do dia bebendo e jogando sinuca no Bar do Salvador, um boteco que reunia dezenas de bebuns e fechava somente após o último freguês sair cambaleando ou carregado, tendo gasto todo o dinheiro do bolso.

Quando chegava no bar, Aramis era saudado com euforia pelos companheiros: Salve, Aramis! Chega, rapaz! Grande Aramis!

Aclamavam-no como fiel parceiro de muitos anos de bebida e bate-papo, indispensável para o resto da noite, e da madrugada, se necessário. Também pudera, na maioria das vezes era ele quem bancava as despesas, tirando do bolso, consciente, o dinheiro indispensável para a manutenção da casa e da família.

Aramis abordava-os animado, sóbrio e sorridente. Sentava-se à mesa e logo pedia o tradicional martelinho de cachaça: A de sempre, Salvador!

Uma cena automática e corriqueira. A bebida vinha num pequeno cálice marcado com a letra A, pintado com tinta esmalte e separado, exclusivamente, para Aramis. A garrafa, cheia, era lançada sobre a mesa, meio a contragosto, embora significasse para ele uma forma de impor respeito perante os amigos.

Uma hora depois, Aramis estava embalado. E sóbrio, dizia ele. O riso incontido incendiava piadas sem a menor graça e gozações de muito mau gosto, típico dos embriagados. A língua, mais solta e ferina, quando menos se esperava era capaz de despejar temíveis palavrões que ofendiam

do mais humilde companheiro ao mais importante escalão da empresa onde trabalhava.

A conversa ganhava corpo. Meia garrafa significavam duas horas longe da família. Pouco se referia a ela e se alguém intercedia a favor, era bloqueado com frases grosseiras do tipo *não é da sua conta* ou *não se intrometa*. Da minha família cuidou eu, repetia sempre.

Veza por outra, o filho mais velho aparecia de surpresa no bar e Aramis não deixava por menos : Quem te mandou aqui, aquela ordinária da tua mãe ??? Vamos pra casa, pai ! A mãe tá preocupada com o senhor, sugeria respeitosamente o menino.

Uma cena triste. O pai o enxotava-o feito animal, fazia questão de parecer o manda-chuva e humilhava o menino na frente dos amigos, sem o menor constrangimento: Some daqui, moleque, antes que eu te quebre, gritava com a voz meio enrolada, babando cachaça pelos cantos da boca.

Os amigos adoravam, era tudo que gostariam de presenciar e estimulavam: Valeu, Salvador ! Se der moleza, perde o respeito.

Com o ego confortado, enchia-se de orgulho. O filho retomava o caminho de casa aos prantos, deprimido, tentando entender aquela situação vexatória e desoladora.

Aramis seguia firme e, antes de a primeira esvaziar, a segunda garrafa era colocada a postos, a fim de se evitar discussões e impropérios com aquele que se dizia o bom de cachaça.

Salvador, paciente, desmanchava-se em conselhos e muitas vezes recusava-se a servi-lo, embora vivesse do comércio de bebidas. Sentia pena ao vê-lo num estado de delírio e colocava-se no lugar dele, como pai de família. Sua estratégia era inútil.

Eu tô pagando, gritava Aramis com a fala arrastada, tua obrigação é servir.

Os amigos, solidários, lançavam provocações e faziam-lhe a cabeça cobrindo-o de incentivos banais : Isso mesmo, Aramis, gritava um. A vida é sua, afirmava outro.

Salvador, acuado diante das investidas, recolhia o verbo e limitava-se a observar por trás do balcão. O bar sobrevivia em função daqueles malditos bebuns e ele temia uma evasão em massa quando interferia nas rodadas, afinal, bares não faltavam nas esquinas da cidade.

Na véspera de pagamento dos salários, Salvador recebia a visita da esposa do Aramis. As rugas profundas e a face visivelmente cansada obrigavam-na a implorar para que Salvador lhe vendesse alguma coisa fiado, às escondidas, a fim de alimentar os filhos. Tinha as mãos calejadas de tanto lavar roupa e os joelhos ralados de viver esfregando assoalho das casas onde trabalhava como diarista. Do marido, recebia apenas tapas e pontapés quando o diabo chegava em casa pelas altas horas da noite, cheirando bebida e promovendo escândalos de assustar a vizinhança.

Pelo amor de Deus, Salvador, rogava em soluços, um pouquinho de pão e salame, bota na conta do Aramis, ele tem de pagar, não posso deixar minhas crianças morrerem de fome.

Salvador sabia da dificuldade em cobrá-lo e muitas vezes cedeu aos apelos da coitada, por pura solidariedade. Quando possível, tentava engrossar um pouco a conta da bebida, geralmente quando o infeliz era o último a sair do bar e não havia mais ninguém para testemunhar o fato.

Aramis era um bêbado incansável. Há quinze anos no ramo, dificilmente alguém acreditava que fosse possível tomar vergonha na cara e modos de gente.

Havia um fato interessante. Apesar de sair cambaleando diariamente e ter sido levado desmaiado para casa diversas noites, punha-se de pé às seis e meia da manhã, pronto para mais um dia de trabalho. Tomava um banho demorado de água fria, curava a ressaca no chuveiro e vestia-se vaidosamente para a luta.

Antes de sair para o trabalho, corria para o quarto dos filhos e dava uma espiadela pela porta, mas não entrava, envergonhado, com medo de acordá-los. Olhava com remorso para a mulher, sem dirigir qualquer palavra de conforto ou arrependimento.

A pobre sofria calada guardava as queixas para o coração, convicta de que a próxima noite não seria muito diferente. Contudo, tinha amor ao marido e levantava cedo para preparar o café forte, contribuindo para amenizar a ressaca. Sem o emprego do marido estariam em maus lençóis.

Aramis partia com os olhos inchados e vermelhos, como se nada tivesse acontecido. A caminho do trabalho, passo acelerado, procurava refletir a razão de sua má conduta e reprovava a si mesmo.

Até quando vou continuar assim ? Martelava as idéias, lembrando de mais um vexame na noite passada .

Pensou nos filhos que andavam mal vestidos, na mulher que se tornara um caco e na sua triste condição. Um homem sem objetivos, sem bens e sem amigos verdadeiros, apenas alguns míseros sanguessugas que se aproveitavam da fragilidade visível para beber às custas dele, fazendo-o gastar o que não tinha, roubando da boca de seus filhos. Não é possível, meu Deus, tornou a pensar.

Na noite anterior Aramis exagerou na dose. Chegou em casa quase ao amanhecer, uma hora antes de sair para o trabalho, e havia pago a maior conta dos últimos tempos. Quase vomitou o coração pela boca de tanto beber. Com o cheiro da bebida, a exalar pelos olhos, nariz e orelhas, todas as tentativas de disfarce foram infrutíferas para encobrir o estado lastimável em que se meteu, por euforia desmedida e influência dos companheiros.

Bateu o cartão-ponto às sete horas, religiosamente. Dirigiu-se para a oficina e pôs-se a trabalhar como nunca. Evitava encarar os companheiros de turma e limitava-se a concentrar esforços no conserto de um motor, iniciado na semana anterior.

Bom dia, Aramis ! Disparou o chefe ao seu ouvido, com o propósito de lhe pregar um susto.

Bom dia, chefe ! Respondeu baixinho e envergonhado.

Estou vendo que a noite foi ótima novamente, senhor Aramis, prosseguiu o chefe, em tom de ironia.

Não, senhor, foram só alguns goles e nada mais, para não perder o costume, respondeu com firmeza.

Aramis, Aramis, sabes que não toleramos deslizes por excesso de bebida e temos o hábito de zelar pela conduta dos nossos empregados, mas o teu caso não tem solução.

Como assim, senhor ? Apreensivo.

Aramis, você é um bom homem, honesto, dedicado, tem família e um futuro pela frente, goza de excelente conceito na empresa, mas desse jeito não vai durar na folha, pense nisso. Tome juízo, rapaz ...

O coração de Aramis disparou. O rosto corou por completo diante dos companheiros de trabalho, a língua travou. Sentiu a pulsação acelerar e por um instante viu-se no abismo.

Durante o dia Aramis evitou trocar qualquer palavra com as pessoas, nem mesmo a família teve tal privilégio durante o almoço.

À tarde, movido pelo hábito, estava fora da empresa no minuto seguinte após o encerramento do horário legal. Rápido como um serelepe, tomou a direção do Bar do Salvador. Sisudo, não quis conversa, ajeitou-se sozinho numa mesa que ficava afastada das demais e gritou: A de sempre, Salvador !

O dono aproximou-se, serviu uma dose no cálice tradicional e deixou a garrafa sobre a mesa, pronto para mais um episódio cansativo, testemunhado diariamente nos últimos quinze anos.

Os amigos foram chegando e Aramis recusou a presença de todos, um por um. Preferiu o isolamento, a melancolia. Hoje me deixem sozinho, pediu em voz baixa, com a face carrancuda.

Eram oito horas da noite e nenhum movimento foi registrado na mesa onde se encontrava. A bebida descansava no copo e a garrafa continuava intacta, registrando aquele suplício voluntário.

Nas mesas vizinhas, apenas comentários infrutíferos de colegas que queriam ver o mesmo Aramis de antes, debruçado sobre a garrafa, morto de bêbado, mas animado.

Por volta de meia-noite Aramis ainda permanecia inerte, mudo, incapaz de pronunciar qualquer palavra. Braços cruzados sobre a mesa, pensamento distante, meio sonolento, foi despertado repentinamente pelos filhos e a esposa que vieram buscá-lo, crentes que encontrariam o pai em situação de miséria.

Para surpresa da família e espanto de todos, Aramis ergueu a cabeça, fitou-os, afastou o cálice e a garrafa, levantou-se calmo, sereno, e disparou apressado: Para casa todos, estava esperando por vocês . . . Salvador, um doce para as crianças.

Abraçou a mulher, tomou o mais velho pelo mão e foi embora. Salvador apenas sorriu, mesmo perdendo o cliente.

ENTRE A CRUZ E A ESPADA

Atrelado a uma rotina de vinte e poucos anos, Ambrósio acordava às quatro da manhã, completamente refeito para mais um dia de trabalho no mato ou na lida. Os olhos entreabertos sinalizam com relativo desânimo e desinteresse para carga que o espera, na busca pelo pão.

Estava longe de ser chamado bóia-fria, tinha carteira assinada e, apesar do mísero salário que ganhava, fazia o possível para colocar o mínimo dentro de casa.

Nunca foi capaz de se queixar da vida, mostrava-se fiel e dedicado ao emprego que conseguira na única firma existente naquela pequena cidade. Tinha as mãos grossas e calejadas pelo cabo do machado e a pele curtida do sol, feito matuto ou pescador que se expõe a céu aberto.

Seguia o ritual diário. Vestia o macacão desbotado de lenhador, a velha botina com biqueira de metal, mais pesada que o machado, e dirigia-se ao banheiro instalado no quintal da casa. Debaixo do braço e apoiada na barriga, uma bacia cheia de água morna para lavar as mãos e o rosto visto que o local não dispunha de encanamento e conforto.

Em dias de chuva o sofrimento triplicava. As pedras que formavam a calçada entre a porta da cozinha e o banheiro submergiam com facilidade ao primeiro chuvisco. Foram incontáveis os dias em que saiu para o trabalho com os pés encharcados.

Depois de muitos anos, sentia-se feliz por ter resistido a uma pneumonia daquelas, apanhada em dias frio e chuva que se sucederam prolongadamente. Obrigado a cumprir a jornada de trabalho para o bem da família, quase deu-se por vencido. Teve calafrios seguidos e a temperatura oscilava com frequência, não baqueou por pouco. O trabalhador braçal adquire uma resistência natural e morre mais em acidentes de trabalho do que por doenças, combatidas com teimosia.

Ao retornar do banheiro, a esposa e fiel companheira já o esperava de pé, munida de café forte e quentinho, acompanhado de broas de milho e, às vezes, mandioca frita, colhida no próprio quintal.

Enquanto se fartava, era testemunha do preparo de uma gostosa marmitta, cheia até a boca, com muito arroz, feijão e, dia sim dia não, um pedaço de charque ou ovo frito. A quantidade, suficiente para alimentar uma tropa, se fazia razoável para um homem da sua estirpe, batalhador das sete da manhã às sete da noite, com uma hora para almoço e descanso.

O café era sagrado, partia sempre acompanhado de uma garrafa e mais metade de um pão caseiro, amassado pela própria mulher que, duas vezes por semana, fazia questão de levantar mais cedo para assá-lo e mandá-lo quentinho, em agrado e consideração ao marido.

A infeliz equilibrava-se em duas pernas mapeadas de varizes. Conformou-se com a vida dura e contentava-se em poder ajudar o marido, cuidando da casa e dos filhos com extrema dedicação. Quando a situação apertava, punha-os na creche e não hesitava em fazer diárias em casas de madames da cidade, cujos maridos ocupavam posições estratégicas na mesma empresa em que o seu trabalhava.

Cumprido o ritual do despertar, o lenhador iniciava, sagrada e religiosamente, o da despedida. Dirigia-se para o quarto dos filhos, beijava-os, um por um, o maior com certa dificuldade, por dormir na parte superior de um beliche e, assim mesmo, não se dava por vencido.

Deus os abençoe, falava baixinho, contemplando aquelas criaturas angelicais que só poderia ver à noite, ao retornar do trabalho. Tchau, mulher, fique com Deus, beijando-a na testa com firmeza. Tchau, Deus te acompanhe, replicava a companheira.

O matuto tinha um jeito meio grosseiro, compreensível até certo ponto, faz parte da natureza do caboclo. Na sua modesta condição, não ligam muito para as pequenas particularidades do relacionamento conjugal. A ele interessava mais o sustento da família e, é natural, o instinto sexual que,

apesar do trabalho pesado e do pouco estímulo, funciona e é cumprido à risca, até por uma questão de masculinidade e orgulho.

Em seguida abria a porta da sala e tomava o caminho da rua. O sol mal se levantara. Com a mochila nas costas podia sentir o calor da refeição preparada pela esposa. O pão, ainda quente, aquecia-lhe o corpo e confortava-o.

Pelo caminho, a oração matinal nunca era esquecida. Rogava por um bom dia de trabalho e pedia ao anjo-da-guarda que o protegesse de acidentes com o machado ou com a derrubada das árvores que, não raro, despencavam sobre a cabeça dos trabalhadores.

A Deus, pedia com devoção que o salvaguardasse dos raios despejados aos milhares, em dias de chuva torrencial. Com o tempo montou sua própria oração e rezava baixinho até chegar ao local de saída para o mato, interrompida somente ao cruzar com um ou outro colega no trajeto.

No pátio da empresa alguns caminhões estavam à disposição dos trabalhadores, distribuídos em turmas, de acordo com a especialidade de cada um : lenhadores de um lado, carregadores do outro. Centenas deles, rostos desanimados, vontades e problemas semelhantes, esperanças que não morriam jamais.

Bom Dia, compadre ! Bom Dia, Zé ! O pessoal conhecido de sempre, uns alegres, outros tristes, mudos, sisudos. Nesse momento, o sol já abria seu sorriso iluminando-lhes a face encolhida.

Os caminhões partiam apinhados de gente, sem lona ou proteção. Em geral, o grupo sempre era tratado de maneira desprezível, acuado pela ameaça do desemprego. Opções ? Pegar ou largar.

Motoristas inescrupulosos impunham velocidade exorbitante aos veículos, como se transportassem animais, pouco importando-se com a quantidade de pessoas e o valor de suas vidas. Verdadeiros imbecis motorizados, julgavam-se superiores aos demais, pelo fato de estarem habilitados ao volante, motivo de orgulho na cidade.

Ambrósio suportava sem protestar, firmemente agarrado à grade do caminhão. De olhos fechados, brotou-lhe a imagem do último acidente em que foram mortos vários conhecidos seus. Lembrou dos corpos mutilados pela violência do choque, causado por negligência absoluta do motorista.

Castigado com a invalidez dos membros inferiores, o condutor vivia, melancolicamente, sob os olhares incriminadores que lhe eram atirados pela população indignada do vilarejo.

O longo trajeto demorava em torno de quarenta e cinco minutos. Nesse ínterim, o lenhador costumava refletir um pouco a sua triste situação. Pensava nos filhos, na esposa e na possibilidade de algum dia deixar aquela vida desumana e deplorável, de poucas perspectivas.

O martírio da reflexão era quebrado pelos solavancos causados no percurso, em virtude dos imensos buracos existentes na estrada de chão, desprezados pela imprudência do motorista, um verdadeiro teste de resistência para a ossatura esquelética da maioria.

Ao chegar no local de desbaste, saltavam todos do caminhão e fiscais da empresa aguardavam a postos. Eram contados como gado na volta para o curral e logo recebiam o machado, principal instrumento de trabalho, para mais um dia de luta pela sobrevivência e agressão do meio ambiente. Todos sabiam o que fazer : quanto mais árvores tombadas, maior o ganho.

Incontestemente, a grande parcela do lucro era recolhida aos cofres da empresa. Além do comércio ilegal e clandestino da madeira, os donos compravam o silêncio dos empregados, concedendo mirrados prêmios de produtividade e conquistavam a cumplicidade das autoridades legais, através de fartas colaborações para campanhas políticas e conforto dos envolvidos na operação de consentimento.

Nada era poupado: mata nativa, pinheiro, imbuia, mogno...uma verdadeira carnificina vegetal, estimulada de forma abusiva pelos proprietários e absorvida inconscientemente pelos empregados. Não importava a idade da

madeira, pinheiros centenários sucumbiam em quantidades gritantes, impossibilitados do último suspiro.

Ambrósio observava com remorso aquela matança incontida, testemunhada ao longo de anos. Centenas ou talvez milhares de árvores assassinadas pelas suas próprias mãos e de outros companheiros. Por ironia, nada disso poderia enriquecê-lo ou a quaisquer de seus conhecidos. Contudo, a empresa prosperava, aceleradamente, à custa do trabalho quase escravo, da precariedade de seus empregados e das operações ilegais.

Motoserra era proibida. A direção alegava falta de recursos para investimentos tão altos e gastos com maquinários. Na verdade, optou-se pela extração mais lenta e gradual, como garantia da continuidade dos negócios por muitos e muitos anos.

A produção em larga escala acelera o desmatamento, tornando-o perceptível aos olhos dos satélites, além de reduzir o preço no mercado, desinteressante para quem faz parte dele. Quanto maior a escassez, maior o preço e os donos conheciam bem a lei, levada também a sério pelos contrabandistas do mercado internacional.

Pai do céu, refletia o lenhador, é a sobrevivência da minha família que está em jogo. Humilde, apesar do pouco esclarecimento, tinha consciência da barbárie que cometiam todos, involuntariamente.

Inúmeras vezes pensou em abandonar tudo e tentar a sorte noutra lugar. Ao mesmo tempo, sabia que o essencial provinha do trabalho árduo, única fonte de renda no lugarejo. De outra maneira teria de recomeçar do zero, com mulher e dois filhos.

Os lenhadores eram afastados uns dos outros, de maneira que a distância entre as árvores fosse suficiente para evitar tragédias, tudo planejado matematicamente pelos fatores que comandavam as operações. Todavia, o descuido era constante e os acidentes inevitáveis.

Certa manhã, sem atentar para as emoções que lhe escorriam pelos ombros, Ambrósio dirigiu-se, com o machado apoiado no antebraço,

rumo à primeira árvore que avistou : um pinheiro magnífico, centenário, de encher os olhos de qualquer ambientalista, amante da natureza.

Prudente e apreensivo, plantou-se diante daquela figura majestosa e imponente. Antes de levantar o machado e desferir o primeiro golpe, decidiu contemplá-la por um instante.

Bom Dia ! Compreendo que é difícil para você, mas também é para mim e tenho de fazê-lo. Perdi a conta de quantas árvores já derrubei e contigo não será diferente, proferiu consciente.

Deslocando os olhos gradativamente para cima, deixou-se envolver pela elegância e espontaneidade do velho pinheiro. Casca grossa e caule diametralmente exagerado, fez as contas, deveria ter uns 120 anos.

Meu velho Pinheiro, prosseguiu, respeito sua idade e lamento sua incapacidade de defesa. Minha sobrevivência depende da sua queda . . . E então, como é que fazemos ?

Dividido, silenciou alguns segundos e, lúcido, queixou-se: Sabe amigo, tenho filhos na escola que estão aprendendo a ter consciência para a preservação das matas. Desejo um futuro diferente para eles, que sejam mais fortes do que o pai e capazes de levantar a voz contra tamanha atrocidade, falava como se o pinheiro lhe prestasse ouvidos.

Talvez aquele enorme corpo de madeira estivesse tentando entendê-lo e quisesse proferir algumas palavras de repúdio ou de aconselhamento. Ao contrário, permaneceu calado, irredutível, orgulhoso. No fundo, vivera o bastante.

Imagino tuas idéias, prosseguiu o lenhador, acha que não tenho coragem de levantar um só golpe contra ti, não é mesmo ? Inadvertidamente, deixou-se levar, tomado de admiração e respeito que sentia pela árvore. Por um instante o pinheiro dominou e prorrogou aquele martírio.

Ambrósio reagiu, afinal, uma árvore não pode sentir a mesma dor de um pai que não consegue sustentar os filhos por falta de trabalho.

Correu quase meia hora do início do expediente. O feitor passou pela primeira vez para inspecionar o talhão e advertiu-o: Como é, Ambrósio, tá cansado ? Tempo é dinheiro, rapaz, mãos à obra, vamos ...

Irascível, permaneceu à frente do pinheiro, encenou alguns movimentos com o machado e foi incapaz de atingi-lo. Talvez tivesse refletido demais. Eis o homem, faz o que faz por dinheiro, impiedosamente. Ao refletir, descobre que a maioria dos seus atos nasce da irracionalidade e do desespero. Depois do fato consumado não há tempo para mais nada.

E agora ? Questionou-se, tomado de responsabilidade perante a família e a empresa. Parte do seu precioso tempo havia sido desperdiçado e parte do salário também. Talvez representasse uma porção de arroz, um pedaço de carne, um litro de leite.

Uma tempestade de pensamentos recaiu sobre ele, contestando toda uma existência e modo de agir. No horizonte, o sol ensaia os primeiros raios de calor e provoca gotas de suor na fronte e nas costas.

Não posso me deixar abater, murmurou, tentando resistir ao rosário de pensamentos que parecem emanados pelo próprio pinheiro. O que valeria mais naquele momento? Um pinheiro centenário e envelhecido ou a garantia do emprego, principal fonte de sustento da família?

É uma questão de ponto de vista, imaginou. Deixarei a tal consciência para os meus filhos e pedirei a eles que tomem o bem da natureza como bandeira. Tenho pouco tempo pela frente, respondeu a si mesmo . Deus sabe o quanto isso me machuca.

Uma forte brisa cortou-lhe o rosto e irritou seus olhos. Colocou o óculos de proteção, as luvas desgastadas pelo uso contínuo do machado e tomou posição de sentido.

Perdoe-me, amigo, faço isso pela minha família. Perdoe minha fragilidade e a absoluta condição de miséria que me empurram para mais um crime. Você é o herói dessa história salvando três vidas ao mesmo tempo.

Diferente das outras vezes, Ambrósio respira fundo e levanta o machado. Uma única lágrima escorre de seus olhos inflexíveis. A primeira

lasca de madeira volta-se contra ele, a luta prossegue. O pinheiro desmancha-se em gritos de silêncio e a carne rígida é incapaz de resistir ao fio da lâmina devastadora. Lascas e mais lascas voam longe, o sangue escorre suave.

Que Deus me perdoe ! dispara em silêncio.

O MELHOR PRESENTE

O rico agonizava em seu leito, prestes a dar o último suspiro diante dos quatro filhos e da esposa que, sabedores de sua fortuna, derramavam-se em lágrimas de crocodilo, pensando no dinheiro e bens acumulados por ele ao longo de sessenta anos de árduo trabalho.

Por quê choras, Tiago? É chegada a minha hora e não há como fugir dela, assim está escrito nas leis de Deus. Choro por ti, meu pai, a quem amo demais, responde o caçula. Lembra de quando me deste o primeiro carro? Eu tive tudo de mão beijada e nunca soube o que é trabalho, abri mão dos estudos e jamais interessei-me pelos negócios. Como poderei administrar a parte que me cabe após a partilha, se mal consigo fazer uma conta?

Mateus, meu filho, porquê tantas lágrimas? Por você, meu pai, despeja o segundo, a quem aprendi a respeitar desde pequeno. Lembra de quando me deste a primeira moto? Esqueci do mundo e acreditei ter alcançado a felicidade. Foi a única coisa que cultivei na vida, paixão por ela, a aventura sobre duas rodas e máquinas de último tipo. Como poderei administrar a parte que me cabe após a partilha, se mal posso assinar o meu nome?

De olhos fechados e num esforço quase sobrenatural para manter as pálpebras em pé, o bom homem volta-se para o mais velho: Não chores por mim, Lucas, todos se vão um dia.

Envergonhado, o primogênito não reluta em fitá-lo e mantém as mãos entrelaçadas. Cabisbaixo, demora a pronunciar algumas palavras, mas cria coragem: Perdoe-me, pai, um dia tu me deste 500 dinheiros e no dia seguinte voltei de mãos vazias, sem ao menos ter lembrado onde gastei toda aquela pequena fortuna, lembra? Depois de tudo nunca mais fui o mesmo e repeti a cena todas as vezes que puseste dinheiro nas minhas mãos. Hoje nada tenho, a não ser uma vontade incontrolável de gastar. Como poderei

administrar a parte que me cabe após a partilha, se não cultivo a arte de aplicar corretamente as economias ?

João, meu filho, porquê choras ? argüi ao terceiro, o único que se mantém distante do leito, encostado no canto da parede. Por tudo, meu pai, pela minha indelicadeza e falta de respeito ante teus conselhos, quando eu chegava em casa altas horas da noite, encharcado na bebida e cheio de dívidas de jogo que nunca te recusaste a pagar. Como poderei administrar a parte que me cabe após a partilha, sendo tão promíscuo e descontrolado ?

Minha esposa, por quem choras ? Por ti, meu velho, pelo nosso amor. Que outro homem teria suportado a cretinice e o excesso de caprichos que nunca me levaram a lugar algum, a não ser ao desprezo de amigos e parentes ? Como poderei administrar os cinqüenta por cento que me cabem após a partilha, sem ter pessoas de confiança ao meu lado ?

O rico, do alto de sua ampla sabedoria, corre os olhos cansados sobre cada um e, perante o testemunho de seu fiel advogado e amigo há mais de vinte anos, inicia o discurso em voz pausada e macia : Poupem suas lágrimas, não chorem por um velho que já cumpriu a missão e terá de partir para outra mais difícil. Guardem-nas para o que há de vir, dor e ranger de dentes.

A expectativa toma lugar no quarto. Irmãos e irmãs entreolham-se, desconfiados. A mãe não esconde a ansiedade e rói as unhas, sugere-lhe calma, repouso. O advogado, mero coadjuvante, testemunha em silêncio aquilo que o amigo lhe confidenciara, por antecipação.

Equilibrado, o homem parece disposto a encerrar a agonia do recinto, estampada no semblante de cada membro da família: Terão todos a oportunidade de se retratar em vida e, com muito esforço, amenizar a pena do juízo final. Eis aqui o meu fiel advogado, conhecedor profundo dos meus pensamentos, a quem confiei o testamento sob o mais perfeito juízo de minhas faculdades mentais, há cinco anos exatos, para que ninguém possa contestar tal decisão, tomada com absoluta serenidade.

O choro ameniza, ninguém se manifesta, o silêncio é quebrado apenas pela sucessividade dos segundos de um relógio instalado na parede do quarto.

É um bem que faço a todos, profere o patriarca. Ao mesmo tempo, tenho a chance de me redimir perante o Universo, tendo sido faltoso com relação à educação de vocês, contrariando meus próprios princípios quando, inadvertidamente, entreguei-me ao mais fácil, alimentando todas as vontades sem qualquer manifestação contrária, por omissão e comodismo.

Neste momento o choro desaparece insinuando que a alegria está prestes a tomar conta da sala. Retomado o fôlego, o rico encerra : E para provar o quanto lhes quero bem, sem distinção alguma, deixo todos os meus bens para as instituições de caridade, com exceção da casa em que devem continuar morando, junto de sua mãe. Certamente, elas precisam mais do que nós. Não me julguem mal, nem cabe a vocês este papel. Sejam firmes e terão de volta tudo o que for plantado com amor e trabalho. Bons exemplos é o maior presente que um homem pode deixar àqueles que ama. Deus os abençoe !

Pai, em tuas mãos entrego meu espírito . . . nem mais uma palavra. Lágrimas inundam o quarto e as dores se manifestam unindo-se ao som dos relâmpagos e da chuva que despenca torrencial, em sinal de luto.

AMIGAS PARA SEMPRE

Temos bem maior dose de bondade do que se costuma dizer. A frase, estampada na primeira página da agenda de telefones da jovem Maria Antonieta, é de autoria do grande pensador e filósofo Emerson, incluída em seu famoso ensaio sobre Amizade.

Verdade inconteste, Maria Antonieta nunca chegou a refletir a profundidade do ditado, mas, em vida, seguia-o religiosamente por conta de sua relação com Mariangela, amiga de colégio, do mesmo bairro e confidente de fazer inveja a qualquer menina da sua idade, pela extrema discrição e capacidade de amenizar o sofrimento alheio.

Falar em amizade nos dias de hoje para muitos pode parecer utopia, num mundo marcado pela competição entre os povos, jovens, adultos e idosos, além dos problemas de relacionamento que dificultam cada vez mais a solidificação das estrutura familiar e da convivência pacífica na sociedade.

Enquanto falamos de amizade, lembramos de Maria Antonieta e Mariangela, de 16 e 17 anos, uma de classe média, outra de classe alta; a primeira, órfã de mãe, feliz, apesar de tudo, braço direito do pai e o tipo de filha que qualquer pai e mãe gostariam de ter : estudiosa, dedicada, querida pelas amigas e professores da escola; a segunda, nascida em berço de ouro, insegura, dependente da mãe para tudo, rebelde e mimada, incapaz de mover uma palha dentro de casa para as mínimas coisas.

As duas se conheceram no colégio, numa situação incomum, quando Antonieta, nome abreviado pelo pai, sempre aberta à preocupação com a dor alheia, encontrou Mariangela chorando sozinha na sala de aula durante o intervalo para o lanche. Seu coração, movido a solidariedade, foi incapaz de menosprezar a dificuldade de uma companheira que conhecia de vista somente.

Mariangela, incomunicável em sala de aula, abraçava todas as dificuldades do mundo e do relacionamento familiar, a ponto de ter o seu rendimento escolar abalado, indiferente aos caprichos e anseio dos pais, que nada deixavam faltar-lhe, como filha única, no que diz respeito às necessidades materiais.

Todo dinheiro do mundo seria pouco para comprar aquilo que mais lhe faltava em casa, a amizade e compreensão do pai, enérgico em demasia, de comportamento extremamente oposto ao de Francisco de Assis, pai de Maria Antonieta, amável, em permanente vigília para compensar todas as deficiências causadas pela falta da mãe, a qual faleceu por incompetência médica durante o parto da menina.

Posso ajudá-la, amiga? A voz macia de Antonieta era o socorro de um naufrago, ansioso, à espera da salvação, indeciso em praticar o último suspiro.

Nascia então uma duradoura amizade, uma buscando suprir as expectativas da outra, vivendo em ambientes distintos, carregando os mesmos desejos de adolescentes : a necessidade de se encontrar na corrente de pensamentos do universo e de se firmar no grande fluxo da vida, diante dos pais e da sociedade seletiva e inquisidora.

Religiosa, cumpridora dos preceitos católicos, a primeira atitude de Maria Antonieta foi levar a amiga à reunião do grupo de jovens da sua igreja, onde participava com imensa alegria durante as tardes de sábado, para debates, encontros com os amigos e ensaios de cânticos para a missa do dia seguinte.

Aos poucos, Mariangela foi-se reencontrando internamente consigo mesma e buscando, no bom relacionamento com a amiga, as soluções para os problemas comuns aos jovens da mesma idade : a indecisão, os problemas da sexualidade, a falta de apoio e o excesso de proteção dos pais, preocupados sempre com a imagem dos filhos na sociedade e nunca com o caráter dos filhos para a transformação do mundo.

Entre uma e outra saída pelas ruas da cidade, combinado às escondidas pelo fato da mãe de Mariangela não ser muito favorável à companhia da filha com meninas de classe inferior, Antonieta representava bem o papel de conselheira, firme em suas idéias e convicções, disposta a absorver os problemas da outra como verdadeira amiga que se mostrava, sem interesses levianos.

Juntas, matam as curiosidades da vida particular de cada uma, abrem o coração e se colocam a comparar as próprias dificuldades. O que representava facilidade para Maria Antonieta era transtorno para Mariangela, mesmo com todo conforto e dinheiro.

Você que é feliz, Mariangela, argumenta a amiga. Mora numa bela casa, com jardim e piscina, seu pai tem muito dinheiro, pode te dar as melhores roupas, comprar todos os seus desejos e você sabe que o dinheiro compra muita coisa, inclusive, a felicidade.

Engano seu, amiga, contesta Mariangela. Dinheiro não compra aquilo que eu mais preciso na vida: amor, carinho e amigos. Posso ter as melhores roupas, ir a festas chiquérrimas e namorar os gatos mais lindos, mas nunca me vêem como eu gostaria. Estão interessados no dinheiro que não é meu e sim do meu pai. Quem fica do meu lado pensa nas festas maravilhosas que não pode perder, nas guloseimas que as empregadas preparam o dia inteiro dentro de casa para agradar as fulanas, amigas da mamãe, ou nos passeios de carros que o meu irmão promove diariamente, para se vangloriar diante dos amigos. Acha que é tudo lindo ?

Sei muito bem, concorda Maria Antonieta. Contudo, você não sai de casa pensando que o seu pai hoje está trabalhando e amanhã pode não estar, que hoje ele pode pagar a escola e amanhã talvez não. Além de tudo, quando volta há sempre alguém te esperando na porta, pai, mãe e empregados à tua disposição. A vida fica mais fácil assim, não fica ? Quando volto para casa fico imaginando mamãe a me esperar, refeição à mesa, mas nem o papai voltou ainda do trabalho.

Ótimo ! ironiza Mariangela. Ao contrário do meu, quando seu pai chega você corre para beijá-lo, abraçá-lo e ele se dispõe a ouvir todas as suas queixas, abre o coração e sabe que você é a coisa mais importante da vida dele. Assim, minha amiga, não há filha que resista. Como eu gostaria de ter o teu pai, alegre, disposto, cheio de vida, um amigo pronto para ajudar e com tempo para mim.

É, mas nem tudo são flores. Há dias em que ele não está com a menor disposição para ouvir minhas queixas e você sabe, não é tudo que posso contar ao papai. Sem mãe é muito difícil, deixo de falar e perguntar muita coisa, por vergonha às vezes, pois sinto que papai tem um ciúme doentio de mim. Imagine se digo a ele que sou amiga da menina mais rica da escola, filha dos Assunção. No mínimo ele vai querer vasculhar todos os detalhes da sua vida, com medo que eu me deixe influenciar pela nobreza e instabilidade que rola nesse meio.

Que nada, teu pai é mais humilde, tem os pés no chão e conhece o sofrimento de perto, desde quando perdeu tua mãe. Já o meu, se souber que tenho uma amiga da classe média, com certeza não vai gostar nem um pouquinho. Minha mãe então, nem se fala, é capaz de perder a compostura e ficar o dia todo me azucrinando sem saber o que dizer às amigas dela. Pode alguém ser feliz tendo um pai e uma mãe assim ?

Jesus Cristo, Mariangela, não diga isso !!! Pai e mãe são sempre pai e mãe, gostam da gente à sua maneira. Eles podem ser lá meio esquisitos, excêntricos, reservados ou indiferentes aos problemas dos filhos, mas querem o nosso bem, pode estar certa.

Não, Antonieta, não acredite nisso, minha amiga ! O dinheiro transforma as pessoas. Sei pela minha mãe que já foi pobre e depois de conquistar a riqueza tornou-se incapaz de reconhecer e cumprimentar uma amiga de infância na rua, com medo de ter que lhe prestar favores. Eu sei pouco de religião, mas conheço muito bem a mensagem : *é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus*, lembra ?

Credo, menina, isso é uma parábola ! Jesus falava por meio delas e não vamos generalizar. Há ricos bons de coração, que fazem tudo para ajudar os menos favorecidos, distribuindo parte do que ganham a vida toda, sem apêgo ao material.

Santa ingenuidade, menina ! São poucos e isso lhes custa muito, podes crer. A maioria se ilude, faz para não se sentir cobrado pela sociedade ou porque a consciência lhes martiriza. Muitos sofrem para subir na vida e, no alto, não conseguem mais olhar para trás. Esquecem os princípios, o significado da vida, a necessidade da partilha. Todo mundo luta por mais dinheiro e quando consegue em abundância apega-se tanto a ele que não é capaz de enxergar mais nada ao redor. Tudo passa a ser movido pela necessidade de autosustentação do ego. Vai por mim, tenho exemplos dentro de casa. Pensa que meus pais se preocupam com meus tios pobres do interior ou com a irmã mais velha e doente da mamãe ? De vez em quando eles mandam uns trocados para não se dizerem omissos.

Chega de conversa triste, Mariangela, não se pode consertar o mundo. Fico contente em saber que carrega sentimentos de solidariedade e amor ao próximo. É sinal de que a riqueza não fez a sua cabeça, mas um tipo de riqueza tenho certeza que já tomou conta de você: a riqueza de espírito. Sou muito feliz por ser sua amiga.

Feliz sou eu, Maria Antonieta, por ter o livre arbítrio de escolher minhas amizades e ter alguém feito você para me ajudar. Podemos continuar amigas, não podemos ?

É claro que sim ! E seus pais ? Meus pais ? Meus pais vão continuar a me achar a jovem rebelde que conhecem desde que resolvi ser diferente deles. Nunca vou abrir mão de uma boa amizade para atender os caprichos do pensamento alheio, por mais que pareçam desejar o meu bem. Devo a eles todo respeito e consideração, mas amizade é como um animal em extinção e, se depender de mim, não será extinto jamais. O que me diz ?

Eu também, amiga ! Deixe-me ir agora que o papai já deve ter chegado em casa. Amanhã na escola podemos nos encontrar novamente para colocar a conversa em dia, que tal ?

Nem me fale, não vejo a hora de voltarmos a nos falar, nem pudemos conversar direito . . . puxa vida !

Um forte abraço selou a despedida das duas, separadas pelas leis dos homens, unidas pela mesma filosofia de vida, onde todos são iguais perante Deus, o mesmo que ama amigos e inimigos, ricos e pobres, pretos e brancos, sem distinção.

“ E que não haja propósito na amizade, salvo o aprofundamento do espírito ... E na doçura da amizade, que haja risos e se compartilhem prazeres ”.

Kahlil Gibran

FAMÍLIA TRAPO

Dona Hermínia era uma mulher de coração aberto, sem tamanho, sempre disposta a fazer o bem e ajudar as pessoas, a começar pelos oito filhos que, durante a passagem da mãe pela terra, pouco souberam valorizar sua presença e retribuir o esforço sobrenatural que lhes dedicara a vida toda, a despeito de todas as imposições rígidas a que o mundo submeteu-a.

Moça de origem humilde, porém de boa índole e caráter incontestável, casou-se muito cedo e fisgou o primeiro que apareceu-lhe esbanjando um sorriso meio brejeiro, com medo de ficar solteirona e perder a parada para outras moças da sua época, as quais disputavam os jovens ainda disponíveis dentro da maior discrição, apesar da concorrência infernal existente entre elas.

Indiferente ao tempo de namoro e à necessidade do conhecimento alheio, Dona Hermínia entregou-se de corpo e alma numa relação que iniciou conturbada desde o primeiro momento, sonhando com o futuro e com a vida repleta de alegrias ao lado do homem que jurou, de pés juntos, fidelidade total e amparo na saúde e na doença até o fim dos seus dias, sem tropeços diante do padre.

Sebastian arranjou a mulher ideal para os seus padrões : submissa, trabalhadora, preocupada com os afazeres da casa, dedicada por natureza e incapaz de trair-lhe a confiança. Desde os primeiros dias de convivência com ela, viu-se tolhido de uma certa liberdade que jamais ousara perder com o passar dos anos, fazendo jus ao típico machão, de caráter duvidoso, mas proclamando a sua palavra como a última dentro de casa.

Apesar do pouco amor no início, Dona Hermínia fez de tudo para envolver-se plenamente no casamento e manter a serenidade diante das dificuldades que surgiam a todo momento.

Nos primeiros meses, Sebastian sustentou orgulhoso a rotina dos tempos de solteiros e não chegava em casa antes da meia-noite, após fazer a ronda pelos bares e boates da redondeza sem o menor escrúpulo, com muita naturalidade.

Consciente dos problemas vindouros, Dona Hermínia colocou-se a rezar todas as noites e pedir a Deus que o marido tomasse jeito, afinal, havia de ser passageiro e tudo aquilo era um simples pesadelo mal interpretado. Coitado, lamentava a esposa, procurando não incutir más idéias na cabeça.

Encharcado na bebida e acompanhado de comportamento violento, Sebastian era capaz de promover verdadeiros escândalos e assustar o mais feroz dos animais, provocando a ira da vizinhança, solidária com a mulher que não fazia outra coisa na vida senão cuidar do marido e da casa. Contudo, Dona Hermínia exercitava muita paciência e oração até que o marido acalmasse e pudesse desmaiar sobre a cama, visivelmente cansado e dominado pela bebida.

Depois de alguns anos, Dona Hermínia iniciou uma longa peregrinação pela casa de vizinhos e conhecidos em busca de trabalho como doméstica e lavadeira de roupas, a fim de garantir o próprio sustento. Fiel aos desmandos do marido, deixou-se envolver profundamente pelos afagos do homem que foi-lhe fazendo um filho atrás do outro, em curto espaço de tempo.

Desinformada e sem condições de prevenir o mínimo cuidado, a pobre mulher foi se mantendo como Deus quis, contando com os amigos, um dia com fome, outro dia sem fome, dependente da boa vontade de Sebastian que foi lhe abandonando devagarinho, por conta de sua extrema falta de sensibilidade e dureza de coração. Ignorante ao pé da letra, Sebastian reinou absoluto e fez da indiferença o seu maior aliado contra as tentativas de levante da esposa.

Dona Hermínia sentiu na carne o resultado da má escolha que fizera, mas não imaginava recuar. Muito devotada, casou-se no religioso

dentro dos preceitos da Igreja Católica Apostólica Romana e qualquer pensamento nefasto seria um pecado a carregar e a pesar-lhe os ombros.

Por opção, jamais conviveria com o fantasma da separação conjugal, pois fora criada dentro da maior disciplina e haveria de respeitar o sacramento do matrimônio conforme aprendera no catecismo, ainda na infância. Não perderia o céu por pouca coisa. Madura, dama de ferro, engolia calada todas as barbaridades cometidas pelo marido, sem deixar morrer a esperança de vê-lo mais humano, sensível aos problemas familiares, feito verdadeiro pai de família que não abandona o barco na hora da tempestade.

Abalados com a frieza de Sebastian e a passividade de Dona Hermínia, muitos se punham a advogar em sua causa, mas eram inibidos pelas ameaças do marido, ferido em seu orgulho e convicto da submissão da mulher.

A certa altura da vida, Dona Hermínia viu-se num mato sem cachorro, nada em casa para dar aos filhos e ladeada pelo incessante choro dos mais novos, provocado pela fome que não dá tréguas enquanto não vê o sujeito definhando. Tal cena cortava-lhe o coração, a ponto de humilhar-se diante das pessoas para conseguir um pedaço de pão. Faria qualquer coisa pelo bem das crianças, exceto roubar e matar.

Numa atitude de extremo desespero, apanhou no quintal uma rama de mandioca e jogou na panela, crente que amenizaria o sofrimento dos filhos, pelo menos por um dia. Contrário à sua vontade e desconhecendo a verdade, cozinhou um alimento envelhecido, impróprio para o consumo. Por falta de sorte, acabou provocando uma verdadeira congestão em todos os filhos que comeram aquilo como se não houvesse outra coisa no mundo.

Poucas horas depois, Dona Hermínia, mais desesperada ainda, correu em busca de ajuda pela vizinhança, para levar os filhos ao primeiro hospital capaz de dar um jeito neles. Me perdoa, Deus, gritava aos prantos, atormentada com a possibilidade de matar a todos por um descuido. Seria uma pena muito pesada para quem carregava o sofrimento estampado no rosto e a dor a picar-lhe a alma.

Quando soube do ocorrido, Sebastian quis avançar na mulher, proferiu-lhe os mais sofisticados palavrões e não poupou críticas à sua irresponsabilidade consciente, sob o seu ponto de vista. Após o susto, Dona Hermínia teve uma crise de choro e levou muito tempo para se perdoar do gesto impensado.

Com os filhos recuperados voltou à rotina de sempre, sem que nada sinalizasse para a melhoria de vida ou a mudança de rumo. A luz não aparecia no fim do túnel, apenas uma cortina de trevas mostrava-se estendida em seu caminho.

Certo dia, porém, Sebastian chegou em casa completamente embriagado e encontrou a porta trancada, por sugestão do filho mais velho que não queria ver a mãe levando socos e pontapés outra vez.

Inconformado com tamanha afronta, o marido resolve arrombar a porta e entrar pela cozinha derrubando tudo o que vê pela frente. Os filhos, assustados, trancam-se no quarto e ouvem, passivamente, o duelo que se trava entre a mãe frágil e o pai fora de controle.

Alucinado, o patriarca profere palavrões pesados e insulta filhos, mulher e vizinhos. Seus berros podem ser ouvidos a quilômetros de distância e sua ira promove um verdadeiro show, capaz de abalar a integridade do mais santo dos santos.

Preocupados com a fragilidade da mãe, o mais velho cria coragem e resolve abrir a porta do quarto disposto a defendê-la, munido de rádio e a tranca da porta na mão. É seguido pelos demais e juntos atiram um verdadeiro arsenal de objetos sobre ele, tentando demovê-lo da violência praticada sem precedentes. Até mesmo um penico voa pela sala.

Num deslize do pai, alguém acerta-lhe a fronte com a tramela da porta e ele desmaia no mesmo instante. É o fim do primeiro ato, todos se entreolham, os pequenos choram, a mãe tenta acalmá-los e o velho sangra rapidamente, sem forças para levantar. Acaba-se luta. Inicia-se a dúvida : Meu Deus do céu ! grita Dona Hermínia. O sangue está quente, o coração dispara, o velho permanece vivo.

No dia seguinte, quando Sebastian levantou, todos os filhos já estavam longe de casa, espalhados pelo medo da cinta e do rabo de tatu que certamente castigaria seus lombos.

Dona Hermínia, crente que o pesadelo acabara, pede desculpas, mas ele não se dá por satisfeito. Por vingança, obrigou-a a prestar depoimento na delegacia, junto dos filhos, pois queria vê-los pagando pelo sangue derramado. Tentou passar de vilão para vítima e o constrangimento não foi maior porque novamente os vizinhos testemunharam contra ele.

Desfeito o mal-entendido, Sebastian escapou ileso, por falta de provas concretas que pudessem afastá-lo definitivamente da família. Era só o que me faltava, repetia a mãe para os vizinhos, pagar o sangue de um ordinário que nem sequer põe o que comer dentro de casa e além de tudo ainda quer deseja ver os filhos atrás das grades.

Após o ocorrido, Sebastian saiu de casa definitivamente e aparecia somente para buscar algum dinheiro dos filhos ou mesmo da mulher que se desmanchava em serviços de doméstica e de costura. Apesar dos pesares, ela gostava do marido, sentia pena dele e se via amarrada ao único homem que teve na vida.

À beira do abismo, Dona Hermínia resolve tomar um caminho diferente na vida. Conformada com o descaso do marido e cansada de malhar em ferro frio, procura arranjar uma solução para amenizar o próprio sofrimento e a fome dos filhos, embora penosa para todos.

Sem qualquer outra alternativa, negocia e distribui todos os filhos para os parentes e conhecidos que se propõe a cuidar de cada um, dando-lhes comida, cama e roupa lavada em troca de ajuda e serviços de todos os tipos, conforme aparecessem.

Ninguém escapa do levante. Entrega-os, um por um, movida pela dor da separação e consciente de ter sido a melhor maneira que Deus lhe arranjou para amenizar o enorme fardo que carregava.

A contragosto e sob protesto, todos se separaram e a partir daquele momento, mãe e filhos encontrar-se-iam poucas vezes, apenas para matar a saudade. No fundo todos sabiam que era para o seu próprio bem.

As lágrimas derramadas pelos filhos unem-se à da mãe e um vale de lágrimas transformou-se num rio de decepções. Alguns nas casas de tios, outros nas casas de vizinhos e outros para trabalhar em locais mais distantes.

No fundo, Dona Hermínia quer morrer. Um vazio preenche-lhe a alma e nada pode consolar a sua dor. Não pode contar com o marido, mas pode contar com algumas almas generosas que se dispõem a ajudá-la por extrema solidariedade e sentimento de comiseração.

Feita a partilha, ela despede-se especialmente do seu dileto, Jotaeme, que desde pequeno foi apegado à mãe, talvez pelo fato de ser muito emotivo e nunca tê-la deixando sozinha nos momentos de dor e maiores dificuldades. Para ele sobrou abrigo no rancho de um casal de negros que cuidava de uma fazenda modelo na cidade vizinha. Era a oportunidade de aprender algum ofício, ganhar dinheiro para ajudar a mãe e, antes de tudo, ter o que o comer.

Meu filho, tem certeza de que quer ir ? pergunta Dona Hermínia com o coração apertado, prevendo a tristeza do menino. Jotaeme estava com sete anos e não tinha opção melhor, mas no âmago preferia ficar com a mãe.

Consciente da situação, o moleque preferiu partir para não aumentar ainda mais o sofrimento de todos. Dificilmente seria feliz naquele inferno em que se transformou o ambiente dentro de casa, por falta muito mais de amor do que dinheiro.

O primogênito, David, esperto, saiu de casa muito antes da partilha, já crescido e despreocupado com os irmãos menores. Depois de algum tempo, com situação ligeiramente estável, vez por outra aparecia em casa para visitar Dona Hermínia, sempre com um terno diferente, impecável e brilhantina no cabelo.

Depois de uma visita rápida, para não passar em branco, David sempre se despedia com uma frase jamais esquecida pelos irmãos menores, que se aninhavam em volta do dele esperando algum trocado ou pequena lembrança que pudesse lhes amenizar a tristeza.

Dona Hermínia costumava sorrir, apesar da tristeza, e o sorriso se transformava em alvo fácil da comodidade de David que, para disfarçar a omissão, perguntava diante dos irmãos : Tem certeza de que não precisa de nada, mãe ? E ela, querendo poupá-lo da responsabilidade, acabava encobrendo a tranqüilidade do único filho que poderia contribuir financeiramente, pois exercia atividade bem remunerada e nunca se permitiu participar da crise vivida pela família.

E assim Dona Hermínia foi trilhando seu caminho, conforme a vontade de Deus, segundo gostava de afirmar. Buscando paz consigo mesmo, tentava manter as aparências perante a vizinhança, acobertando as maldades do marido e alimentando a esperança de um dia reverter a situação que não lhe causava qualquer benefício.

Um dia ele se emenda, Deus é bom, vai botá-lo nos trilhos, dizia ela com aquela paciência capaz de irritar um monge tibetano. Seus olhos nunca esconderam a vontade de tê-lo de volta em casa, afinal, era seu marido e deu a ela muitos filhos, de tipos e gênios diferentes, alguns ingratos, outros nem tanto.

Jotaeme era, disparado, o mais atencioso e dedicado. Morria de dó da mãe e durante o tempo na fazenda concentrou todas as suas energias no trabalho duro para ajudá-la.

Aos sete anos, por imposição do caseiro, Seo Basílio, o negro forte e sisudo responsável pela fazenda, viu-se obrigado a levantar antes das quatro da manhã para ordenhar as vacas e lavar roupas, sem direito a reclamação. Assim era o combinado com sua mãe.

O caseiro, valendo-se da miséria da família, não hesitava em atribuir-lhe algumas responsabilidades que jamais caberiam ao filho do casal, Juninho, porém, seriam de grande serventia quando realizadas por outros.

Por muito tempo Jotaeme fora incumbido de, nas primeiras horas da manhã, partir para o centro da cidade e vender doces e guloseimas preparadas pela mulher de Basílio, Juliana.

Animado com a idéia de sair da fazenda e ganhar novos ares, o menino partia com a caixa na mão e não deveria voltar enquanto restasse um único doce. Poderia lhe custar o dia, mas o casal aguardava-o até tarde, se necessário, para contabilizar a venda e conferir se comera algum.

Pobre Jotaeme quando faltava dinheiro ou sobravam doces. Certo dia, a falta de sorte lhe bateu nas costas e levou toda a receita que conseguira durante um dia inteiro de muita conversa junto a freguesia, fruto da sua humildade e dedicação.

Amedrontado com a perda do dinheiro, demorou a voltar para a fazenda e esperou o anoitecer quando, muito provavelmente, o casal estaria dormindo e a bronca ficaria para o dia seguinte. Triste engano.

Ao chegar em casa, tudo à escuras, viu-se no maior silêncio e entrou na ponta dos pés para evitar barulho e o despertar de Seo Basílio, o qual tinha sono pesado e costumava dormir roncando.

Cauteloso, tirou os sapatos e, quando já estava no meio da sala, ouviu apenas um sobressalto e a voz estridente do caseiro berrando em seu ouvido : Vem aqui, seu cachorro, cadê o dinheiro dos doces ?

Jotaeme emudeceu e as pernas pareciam não agüentar o seu franzino corpo. As lágrimas se abriram em cascata, testemunhando a estupidez do velho e a sensibilidade do moleque. Era certo que o homem dispunha sempre de uma cinta feita de rabo de tatu e não deixava barato, castigando-lhe as pernas finas.

Após o sermão e a surra, Jotaeme era intimado a dirigir-se para o tanque nos fundos da casa. Alguns quilos de roupas esperavam por ele antes do merecido descanso. E engula o choro, moleque insolente, não vai dormir enquanto não terminar tudo isso, disparava-lhe o caseiro, tomado de raiva. Intimidado, seguia calado e não ousava reclamar.

De costas para Basílio, se permitia derramar algumas lágrimas e esfregava as roupas até altas horas da noite, quando seus braços não mais agüentavam de cansaço e os dedos se mostravam em carne viva pelo vaivém das mãos sobre a tábua de lavar.

Encerrando mais uma obrigação, Jotaeme ia deitar-se com fome e pronto para desmaiar sobre o colchão de palha. Deprimido, lembrava da mãe e rogava a Deus forças para o dia seguinte. Mais e mais tarefas, afazeres, trabalho e a cara feia dos caseiros. Contudo, ainda houve espaço em seu coração para tornar-se amigo do filho do casal, Juninho, que morria de pena dele.

De tempos em tempos o casal levava Jotaeme para visitar Dona Hermínia e chegava distribuindo falsos sorrisos, orgulhosos da sua guarda e companhia. Gentil e feliz com sua presença, ela abraçava-o como se ele tivesse voltado da guerra, procurava confortá-lo e, próprio de mãe, pressentia através dos olhos do menino uma tristeza disfarçada.

Seo Basílio, preocupado em amenizar o quadro, tirava do bolso algumas notas de dinheiro e fazia uma espécie de pagamento dos serviços prestados por Jotaeme na fazenda, acreditando que o valor pudesse encobrir a sua falta de caráter e dureza de tratamento. Comovida, Dona Hermínia recebia o valor e ainda agradecia : O pouco com Deus é bastante !

Na hora da despedida, a mãe ajoelha-se para abraçá-lo e ainda lhe dá a última chance : Filho, está gostando de lá ? Se quiser voltar não há problema, nós damos um jeito, a decisão é tua.

Uma leva de pensamentos inibem a coragem de Jotaeme, observado de relance por Seo Basílio. Não, mãe, estou bem assim, quero continuar ajudando a senhora, responde engolindo o choro e a dor. Sua vontade é denunciá-lo, abrir a boca, voltar para casa, mas a língua trava, o pensamento desvia-lhe a atenção, o medo devolve-o para a realidade. O caseiro sorri e despede-se, vitorioso, carregando-o pela mão.

À porta, Dona Hermínia segue seus passos com os olhos, acena-lhe e corre para o quarto agradecer a Deus pelo bom estado do

menino, o qual aparentava boa saúde e tinha o essencial que não poderia arrancar da mãe : comida e roupas. Contudo, ela não era forte e desmanchava-se em lágrimas ao lembrar a infelicidade de ambos.

Um ano se passou quando Jotaeme resolve encher-se de coragem para enfrentar Seo Basílio e ganhar a sua carta de alforria. Não agüentou a pressão, a sobrecarga e as grosserias do velho. Quero ir embora, arrisca durante um almoço de domingo. O quê ? retruca Juliana. Por quê ? dispara Juninho que corre para perto dele.

Indiferente à manifestação do menino, Seo Basílio despeja-lhe as últimas grosserias : Vai-te, moleque ingrato, é isso que dá ajudar os outros, ganha-se falta de consideração. Aqui está o que te devo, estou descontando apenas o que comeu durante o mês, mas leva o restante do dinheiro para tua mãe não dizer que você foi explorado. Vai-te, some da minha frente !

Jotaeme não pensou duas vezes e correu para o quarto. Despediu-se apenas de Juninho, apanhou a trouxinha de roupas e zarpou da fazenda sem olhar para trás. Parecia o marginal feliz que teve sua pena substituída de perpétua para condicional.

Em casa, foi recebido de braços abertos pela mãe que não repudiou o seu gesto. Era o filho que mais admirava e daria tudo para tê-lo de volta, mesmo com sacrifício. Um forte abraço selou o encontro dos dois.

A experiência na fazenda e a convivência nada pacífica com Seo Basílio provocou-lhe uma resistente indiferença aos negros. Apesar da formação católica e dos conselhos permanentes da mãe, não conseguiu olhar os negros com bons olhos e passou a desprezá-los, imputando-lhes todas as desgraças que sofrera. Nunca tentou corrigir o equívoco de sua avaliação e carregou discretamente a repulsa por toda a vida.

De volta ao lar, o dileto não pensava em outra coisa a não ser um bom emprego para continuar ajudando a família a sobreviver. Menor de idade, fez de tudo na vida. Foi engraxate, entregador de pão e leite e auxiliar de produção de bolacha, guloseima que passou a odiar depois de conviver

dois anos seguidos beliscando as malditas numa fábrica onde não se servia outra coisa.

Aos dezoito anos Jotaeme orgulhava-se de saber dirigir e dedicou-se ao emprego de motorista, atividade que rendeu-lhe boa remuneração em curto espaço de tempo e muita dor de cabeça também.

Homem feito, viajou o país inteiro e conheceu diversas cidades onde arranjou uma namorada atrás da outra. Tinha boa conversa, era galanteador e vivia bem informado.

Tanto sofrimento no passado não modificou o comportamento de Jotaeme que preferiu inverter a ordem das coisas e passar a vilão da história. Quando casou, soube-se que tinha duas noivas, em cidades diferentes, sendo que a preterida tentara o suicídio dias antes da cerimônia de casamento com a jovem Jamile, de boa família, uma das nove filhas de Dona Ana, viúva, que, mais tarde, sentiria as mesmas dificuldades de Dona Hermínia, ao ver a filha sofrendo na mão dele.

Apesar do repúdio ao estilo de vida do pai Sebastian, Jotaeme adquiriu nos primeiros anos de casamento os mesmos hábitos do patriarca, dividido entre o jogo e a bebida, para desespero de Jamile. Não raro, chegava em casa exatamente como fazia o pai, tarde da noite, cheirando bebida e disposto a quebrar portas e janelas.

Era impossível entender o motivo das atitudes confusas e arbitrárias de Jotaeme, o qual, indignado, sempre reprovou e nunca entendeu o comportamento inaceitável do próprio pai. A revolta cultivou sobre ele um ódio inaceitável e abalou sua consciência, porém, seus atos eram injustificáveis.

Dona Hermínia, depois de muita insistência, passou a morar com o casal e mergulhou no desgosto de ver o filho cometendo as mesmas atrocidades de Sebastian, por quem nutria profundo sentimento de pena. Jamile apegou-se à sogra feito um carrapato e não desgrudou-se dela. Fez dela sua confidente e fada madrinha nas horas difíceis, aproveitando sua experiência de mãe e de convivência tumultuada com o marido.

Em vida, a velhinha aprendeu a gostar da nora e a participar do seu sofrimento. A invejável postura, equilíbrio e serenidade, faziam de Dona Hermínia a mulher mais admirável do mundo, daquelas que são recebidas no céu com tripa e tudo, dado o inferno que viveram na terra.

Por vezes seguidas Dona Hermínia fez questão de visitar o marido em companhia da nora predileta, embora soubesse que o danado morava com outra e não lhe tinha consideração.

Decidida, enfrentava uma saraivada de avisos e conselhos despejados pelos filhos e amigos : Não vai não, Dona Hermínia, é muita humilhação visitá-lo quando se sabe que tem uma nova mulher, diz a vizinha. Deixa disso, mãe, ele não merece a tua presença, aconselha o dileto. Que nada, ele é meu marido ainda, nunca me separei dele e ainda gosto do velhinho, me deixem em paz, respondia sem pestanejar.

Na casa da outra era tratada com educação e carinho, sem ressentimentos nem competição. Levava consigo um enorme pão caseiro que sabia fazer como ninguém, além do bolo que o velho adorava.

Quando Sebastian morreu, cego dos dois olhos e muito doente, nenhum filho compareceu ao velório. Desprezado, recebeu apenas o consolo de sua fiel companheira de luta e sofrimento, Dona Hermínia, a única que debulhou intermináveis rosários em favor de sua alma atormentada. Que Deus o tenha e permita paz ao seu espírito.

No rastro do pai, Jotaeme seguia a vida tentando se recompor das dificuldades encontradas na infância e adolescência. Com a personalidade abalada e o caráter egocêntrico, procurou estabelecer sua vontade dentro de casa e iniciou o longo calvário da esposa. Logo no primeiro ano de casado viaja muito e desfruta da liberdade condicional típica do homem da estrada, proporcionado à companheira tudo o que condenou da parte do pai.

Em casa, Jamile conduz a parte que lhe cabe do jeito que dá, aos trancos e barrancos. Com a chegada do primeiro filho, Jerinho, Jotaeme tratou logo de arranjar um emprego fixo numa pequena cidade do interior para onde mudou-se com o intuito de melhorar a vida.

Fora do seu habitat normal, procurou integrar-se na comunidade através de visitas regulares ao Bar Grande, único boteco da cidade capaz de reunir tantos desocupados num lugar só. Principiante, viu-se mergulhado na vontade de se juntar ao grupo e em pouco tempo garantiu espaço nas rodinhas de cerveja e jogos de sinuca, vícios que consumiram boa parte do seu magro pagamento como ajudante de mecânico.

Jamile, longe da mãe e das irmãs, passava maus bocados e varava a noite à espera de Jotaeme, o qual aparecia de madrugada cambaleando e sem dinheiro no bolso. Inconformada, arregaçou as mangas e arranhou emprego de zeladora na única escola do vilarejo, destinada aos filhos de trabalhadores da empresa onde Jotaeme empregara-se.

No interesse de amenizar as dificuldades da família com a chegada do primeiro filho, Jamile viu-se na mesma situação da sogra, envolta num mar de tristezas e problemas acumulados. Juntos, tiveram cinco filhos, mas o segundo e o quarto não sobreviveram para testemunhar a história da família, acometidos de meningite, aos seis e nove meses de idade.

Com a dor a lhe consumir, Jotaeme embrenhava-se por inteiro num mato sem cachorro e preferia curtir o restante da noite em companhia de amigos, enquanto a esposa exercitava-se com todas as forças para tentar garantir o bem-estar e a saúde dos filhos pequenos. A exemplo da sogra e da mãe, tinha como escudo a bíblia e passava a noite em claro rezando e implorando a Deus que o destino sofresse um revés.

Após a morte do marido, Dona Hermínia alternou-se em casas de filhos diferentes, mas tinha sua preferência em razão da felicidade que sentia ao lado do neto preferido, Jerinho, o qual jamais esquecera a fisionomia e o rosto da santa avó. Com ela, aprendeu a rezar antes de dormir, a valorizar a oração e a agradecer diariamente pelas graças recebidas embora poucas houvessem, como a alegria da sobrevivência.

Aprendeu também a beliscar os outros com o dedão do pé, mania que a avó exercitava ao se deitar na mesma cama do menino, somente para lhe atentar o juízo e agradá-lo com seu jeito carinhoso e brincalhão.

A presença da mãe era o maior freio para o comportamento treloucado de Jotaeme. Em algumas passagens, Dona Hermínia buscava surpreendê-lo por algum deslize e intercedia em favor de Jamile. A partida da velhinha significava a liberdade para o filho e a volta ao inferno para a nora.

Freqüentemente, Jamile apelava para o lado emocional do marido e, não raro, orientava o filho pequeno para que fosse buscá-lo no Bar Grande, tarde da noite. Sem temer a escuridão, Jerinho corria em busca do pai, gostava dele e queria vê-lo em casa, são e salvo, animado com o fato de ajudar a mãe e participar dos problemas da família.

Incontáveis as noites em que Jerinho chegou com o pai em estado de miséria. Jotaeme insistia em voltar pedalando sua velha bicicleta, companheira inseparável. Na grande maioria das vezes acabava no chão e esfolava o rosto no cascalho, mas era socorrido pelo filho que arriscava apoiá-lo nos ombros e não o deixava na mão, não obstante a sua fragilidade de corpo e sentimentos.

Muitas e muitas vezes não foi necessário buscá-lo, pois apareceu em casa mais cedo, disposto a armar um escândalo e distribuindo ameaças para a mulher que, ironicamente, esperava-o com a sopa quente, sentada numa cadeira ao lado do fogão a lenha e entregue ao sono.

Acostumado ao episódio, Jerinho corria para a casa do tio Santo, que morava próximo, e arrancava-o da cama para que viesse socorrer a mãe. O irmão não via outra alternativa senão acertar-lhe alguns safanões até que Jotaeme, sem forças, acalmava-se e punha-se a chorar, de vergonha do próprio filho. Em lágrimas, arrancava guloseimas do bolso e entregava a ele como prêmio pela sua compreensão : Toma, filho, o pai não esqueceu de você. E debruçava-se sobre o travesseiro convencido a encerrar a confusão.

Não bastassem os problemas do marido, Jamile peregrinou um bom tempo, assustada quase que diariamente por um desequilibrado que vivia na cidade e não lhe dava folga na ausência de Jotaeme. O infeliz sentia prazer em atormentá-la na calada das noites frias e chuvosas, a fim de lhes provocar medo e terror.

Apavorada, Jamile passou noites intermináveis em claro, aguardando a chegada do marido que demora uma eternidade para se apresentar em casa. E ainda duvidava : Você está vendo coisas, inventando, não é possível, nunca vi nada, onde é que esse maldito se esconde ?

Os filhos pequenos se aninhavam em volta da mãe e jamais duvidaram de suas palavras, pois sentiam na pele o pavor e a insegurança dentro da casa de madeira, fechada apenas por frágeis trancas e tramelas, além de venezianas enormes a esconder vidros lisos fáceis de se quebrar. Jerinho tinha noção do perigo e não desgrudava da mãe enquanto até que o voltasse do bar.

Numa noite qualquer, Jotaeme resolve chegar cedo em casa e pega o sujeito tentando arrambar a porta dos fundos. Enfurecido, perde o controle de si mesmo, agarra-o pelos cabelos e desanda a espancá-lo sem tréguas, antes de encaminhá-lo para o Cabo Lara, responsável pela ordem pública local. Mais tarde ficou comprovado que o objetivo do malandro era apenas assustar a família na ausência do marido.

Após o fato, o sujeito desapareceu da cidade. Anos depois, por consequência do seu desequilíbrio, foi assassinado a golpes de faca cumprindo sua pena em terra mesmo. Jamile, quando soube do ocorrido, quis abrandar a pena do pobre coitado rezando pela sua alma, pois nunca desejou nada de mal para ele em vida. Queria apenas dormir em paz. As seqüelas ficaram e, depois de tudo, seu comportamento mudou por completo.

Durante alguns anos Jamile comeu o pão que o diabo amassou e agüentou até onde foi possível. Foi zeladora, merendeira, balconista de armazém e professora de curso primário na mesma escola em que os filhos estudavam. A duras penas, conseguiu concluir o magistério, depois de três anos, trabalhando de dia e estudando à noite.

Antes de dormir, Jotaeme exigia que a refeição do dia seguinte fosse preparada e Jamile dormia poucas horas, já que o trabalho a esperava cedo, às sete da manhã. Por pouco quase pirou, ficou ruim das idéias e teve de ser internada em hospital psiquiátrico.

Tal como Dona Hermínia, obrigou-se a distribuir os filhos em casas de amigos e parentes, por conta de sua vontade incontrolável de avançar sobre eles. Deprimida e confusa, não escapou da internação e por longos seis meses foi afastada dos filhos, sob protesto do mais velho custou a entender o fato da mãe ter sido levada para longe de casa.

Solidária com o desespero da filha, Dona Ana largou tudo onde morava e veio por um basta naquela situação lastimável. Ameaçou Jotaeme, ajeitou os netos onde pode e deu-lhe o último aviso : Se não mudar de vida, nunca mais vai vê-los.

Seis meses de ausência da mulher e dos filhos foram suficientes para que Jotaeme refletisse a condição repugnante que impusera à família, tempo razoável para se redimir. Amadurecido, deixou a bebida e o jogo e foi buscá-la em companhia de Jerinho, o mais velho, o qual não escondeu a alegria de ver a mãe caminhando lentamente para abraçá-lo na porta de entrada do hospital. A emoção foi indescritível e as lágrimas testemunharam a felicidade de ambos. Jamile não se conteve, riu, chorou, agarrou-se ao menino com firmeza.

Dona Hermínia não viveu o bastante para presenciar a recuperação de Jotaeme. Deus reivindicou sua presença antes que os filhos proporcionassem a ela o mínimo de conforto e gratidão. Certamente, precisou dela em outro lugar melhor do que a terra.

O câncer corroeu-lhe os ossos, mas não corroeu-lhe a disposição de fazer o bem sem olhar a quem. Era difícil entender o motivo de tamanha desgraça, pois a vida fora tão ingrata com ela e o universo poderia tê-la poupado do juízo final. Hoje ela deve estar dando risada e fazendo o que mais gostava : ajudar as pessoas. Que Deus a abençoe !

Deus é sábio e escreve certo por linhas tortas. Dona Hermínia partiu há muito tempo e teve a felicidade de não presenciar a vida desregrada dos filhos. Se houvesse testemunhado tanta barbaridade, sua condição religiosa não teria suportado tantas asneiras e transgressões dos preceitos católicos. Nenhum sobreviveu ao casamento.

David, o primogênito, deixou a mulher após quarenta anos de vida conjugal. Santo gozava de bom emprego, mas não conteve-se com a bebida e os rabos de saia. Separou-se da mulher já com os filhos criados.

José sumiu do mapa. Em momento algum importou-se com os demais e viveu isolado da família. Adálio fez o pé-de-meia na cidade grande, mas bateu cabeça e pôs tudo a perder com dívidas de jogo e bebida, deixando a família em situação lastimável, tendo que se virar através de favores dos irmãos e dos préstimos da mulher, companheira de fibra.

Maria e Madalena levaram tempo para se firmar na vida. Carregadas de problemas, entregaram-se à companhia de aproveitadores enquanto os corpos bem feitos lhes garantiam o sustento, mas como o tempo é implacável, viram-se na miséria e penaram para sobreviver.

Quando Madalena partiu desta para melhor, que assim Deus tenha permitido, apenas a irmã caçula desdobrou-se em esforços para ajudá-la antes do último suspiro, um fato que provocaria comoção em qualquer família de bem. Os demais a ignoraram, insensíveis.

Santina, filha de Sebastian e adotada por Dona Hermínia, foi a que mais se destacou. Costureira de mão cheia, tinha serviço garantido pelo excelente trabalho que desenvolvia na cidade. Era pau para toda obra e disposta a ajudar um e outro, jamais deixou de socorrer alguém. Trabalhadora incansável, também não sobreviveu ao casamento, mas não esqueceu dos irmãos por parte de pai.

Jotaeme, o dileto de Dona Hermínia, deixou a esposa depois de vinte e oito anos de convivência, não obstante todos os sofrimentos que impusera a ela nesse tempo de convívio. Foi calado pelo próprio orgulho, apanhou na escola da vida e destruiu o lar jogando o casamento pelo ralo.

Num instante de vacilo, deixou-se levar pela felicidade passageira da traição, agarrando-se ao primeiro rabo de saia que arrancou-lhe da rotina conjugal e não devolveu-o mais. Quando acordou era tarde e não houve tempo para redimir-se. Passou a viver com outra mulher que mal lhe prepara a comida e as roupas, algo que exigia religiosamente da esposa.

Desanimada, Jamile entregou-se à solidão e jamais perdoou a atitude do marido, depois de aguentar o diabo em comunhão com ele e de ter criado os filhos praticamente sozinha. Desistiu de ser a parte equilibrada da família e não suportou a indiferença e a dor da traição. Talvez por isso os filhos hoje gozem de bons empregos e constituam casamentos sólidos, ao contrário do pai.

Exceção à regra, a caçula de Jotaeme, Dinda, come o pão que o diabo amassou com o marido, mas resiste firme. Está predestinada ao crescimento espiritual, é uma vida sofrida, de poucas perspectivas. Carregar dois filhos e um marido não é tarefa das mais estimulantes nos dias de hoje, além de trabalhar feito condenada para se manter na sobrevivência.

Aqui se faz, aqui se paga. Jotaeme vive distante dos filhos embora mantenha a imponência, não dá o braço a torcer. Ajuda os outros e não ajuda os seus, é típico do seu orgulho ferido e da vontade indescritível de voltar para casa assim como o filho pródigo que se arrependeu. Porém, sofre. O tempo não lhe dá tréguas e, indiferente, prefere seguir a sua vontade.

Entre enganos e desenganos, os filhos de Dona Hermínia vivem como se não conhecessem um ao outro. É a lei do menor esforço, da preocupação inexistente. Eu não ligo e você não me liga, o incômodo é menor, mas cada um sabe do seu destino, há muito para pensar e corrigir. Deus é piedoso, castiga, abre novos caminhos, perdoa, prolonga o sofrimento, sabe que não é fácil a evolução do ser humano.

Como pode tanta distorção numa família ? Nenhum exemplo ficou para os filhos e netos. Deus explica ? Todos tiveram sua chance e deixaram escorregá-la pelo vão dos dedos, sem reflexão. Que sigam o seu caminho. O tempo continua sendo o senhor de todos os mestres e sua espada é implacável.

Que Deus ilumine a todos e conceda-lhes uma oportunidade nova antes do juízo final. Haverá sempre tempo para perdoar a si mesmo e para o arrependimento tardio.

A vida é um ciclo de idas e vindas. A eternidade é nosso maior consolo. É muito provável que alimente nossa falta de sensibilidade e amor próprio, empurrando-nos para o fundo do abismo. Em razão da esperança na vida eterna desperdiçamos o pouco tempo de vida com banalidades que não indicam o caminho, ao contrário, nos levam a lugar nenhum.

Lutamos contra nós mesmo, contra o Universo e contra tudo aquilo que proporciona nosso próprio crescimento. Somos mais material que espiritual. O material fica na terra e se une ao orgulho e à nossa empáfia, mas apegamo-nos a ele e, quando abrimos os olhos, não há mais tempo para nada. Chegamos à triste e honesta conclusão de que não somos nada e nada fizemos e o que fizemos foi muito pouco.

E assim todos levam a vida acreditando que algum dia vão se redimir. Quando o cavaleiro negro da morte nos arrasta pelos cabelos e insiste em sugar nossa alma, tentamos, desesperados, um ajuste de contas para evitar o inferno. Do purgatório sabemos que não há escapatória.

Resta-nos, então, dor e o ranger de dentes . . .

O FIM DO PRÓXIMO NATAL

Houve um tempo em que o Natal era sinônimo de amor e solidariedade, pouco antes do final do século XX. A humanidade, manipulada por líderes inatos, tentou soluções mágicas e miraculosas para reverter o processo de decadência e da própria extinção, vacilante na estrada que mal conhecia, pela sua extrema indiferença em relação ao óbvio.

Os homens perderam a capacidade de indignação e a sensibilidade para as coisas simples, ao passo que conseguiam rir da desgraça alheia, nutridos diariamente pelo humor negro da mídia impiedosa que invadiu suas casas e roubou-lhes a consciência sem o menor constrangimento. Destruiu-lhes também a cultura, as raízes e a família, única instituição de caráter conciliador e solidário capaz de manter a ordem e o moral elevado na face do velho planeta.

Ao bater dos sinos pequeninos, sinos de Belém, a única movimentação de maior envergadura era a do comércio, recheado de luzes e propagandas mirabolantes, louco para abocanhar uma gorda fatia do dinheiro passível de circulação, fruto do trabalho honesto da grande maioria escravizada e desonesto da minoria detentora dos meios de produção, das minas de ouro.

Os primeiros, reféns incondicionais de uma tal de economia globalizada, baseada no lucro fácil e no ganho sem limites, a qualquer custo. A outra parcela, voluntária convicta da exploração da miséria humana, lastreada pela impunidade existente nos quatro cantos do mundo, o qual tornou-se pequeno diante da ganância e da fome insaciável de dinheiro, sob pretexto da necessidade de conhecimentos da ciência e Do avanço tecnológico.

No mesmo ritmo, caminhávamos indiferentes pela calçada, absortos, talvez compadecidos e, muito provavelmente, martirizando-nos e

assumindo a culpa pelos miseráveis que cruzavam nosso caminho e espalhavam-se em nossa volta, à mercê da piedade coletiva.

Para eles éramos a esperança mais próxima, o remédio gratuito, um alívio passageiro para quem não mais carregava vontades nem objetivos, apenas o desejo humilde de continuar levando a vida ‘ como Deus quisesse ’ .

Em meio aos olhares e pedidos de socorro prosseguimos cuspidos ‘nãos’ para todos os lados, sustentados por uma falsa condição de moralidade e virtual superioridade, do horror ao anti-higiênico e repugnante, sob suspeita de contaminações e doenças e diante da mera possibilidade de envolvimento com o risco maior : o compromisso de participação dos problemas da sociedade da época.

O meio sugeriu, o orgulho decidiu e a sociedade impôs a regra selando nossa falta de caráter individual e coletivo. Éramos todos iguais remando contra a corrente, iguais no pensamento e diferentes nas ações. Muitos disputavam o comando do navio e poucos aceitavam o leme. Nossa vontade era contribuir, mas furtamo-nos ao simples trabalho de reflexão.

O tempo voou e com ele voaram nossos pensamentos, escravos da mídia inquiridora e formadora de opiniões, não propriamente a nossa, apesar de lançarmos ao vento, com freqüência, as obrigações que deixamos de cumprir .

Ao contabilizarmos todas as injustiças cometidas em curto tempo de vida, guardamos a sete-chaves o valor astronômico do saldo devedor. A dívida tornou-se impagável diante da mínima possibilidade de recuo. Faltou-nos humildade e consideração pelo próximo, ação, oração, joelhos fortes e consciência. E assim prorrogamos nosso desejo de contribuição, por conta do hoje ou talvez um dia ou quando a situação indicasse alguma melhoria.

Diante da indiferença geral embarcamos na mesma canoa e sujeitamo-nos, passivamente, ao desequilíbrio das forças do bem e do mal, empurrando a responsabilidade para os filhos dos nossos filhos.

O discurso pesado da minoria foi incapaz de reverter o processo e o homem se foi encolhendo em sua jaula, à espera de um futuro melhor que nunca apareceu, pois ele próprio não participou, de corpo e alma, da mudança tão necessária.

A lei do 'salve-se quem puder' ditou todas as regras privilegiando as exceções. A sociedade foi a única cadeia que não se sustentou nem correspondeu ao processo de evolução. Seus componentes esconderam-se da interação espontânea e da divisão dos pães, movidos por uma necessidade desenfreada de consumo, egoísmo e riqueza material.

O que se viu, então, foi o pobre à mercê do rico, o branco tentando provar, inutilmente, ser melhor que o negro e a progressão geométrica da miséria absoluta, desproporcional à concentração da riqueza.

Um rápido exame de consciência demonstra que buscamos nada com nada. Fomos impelidos à convivência sem incômodos, pendendo mais para o individualismo que o espírito de solidariedade. Tivemos idéias, e muitas, mas faltou-nos coração, fomos o fato e não a verdade.

Estranhamente, perdemos também a capacidade de reflexão, a julgar pela nossa convicção de aceitar, inertes, os acontecimentos, até com demasiada naturalidade.

O tempo correu, ano após ano, envelhecemos todos. Alguns não tiveram tempo para o envelhecimento, foram poupados no meio do caminho, já corrompidos pelo descaso das gerações anteriores.

Os sinos continuaram tocando, sem poesia, sem nostalgia nem melodia e os fatos que mais preocuparam o homem foram os presentes da família, o peru e o panetone.

E o Natal do próximo ? Ficava sempre para o próximo ano, sob a responsabilidade do Criador, como diziam os mais afortunados: Que Deus os ajude !

Um dia Deus não mais agüentou tanta decepção e recolheu a humanidade para um acerto de contas, afinal, que tipo de gente era essa, feita à sua imagem e semelhança, que insistia em cultivar a indiferença

mediante tantos problemas na face da Terra, planeta cuja natureza era capaz prover o sustento de todo o universo, se o homem não a tivesse desequilibrado ?

Eu sou um deles, estou aqui numa luta desesperada e incansável para me redimir e reconquistar a confiança do Onipotente. Não vai ser moleza. Hoje é dia de Natal na Terra, mas ninguém está lá para testemunhar, não há lojas nem presentes, perus nem panetones.

E pensar que na Terra era tão fácil fazer o bem e ajudar o próximo. Quanta burrice de minha parte . . .